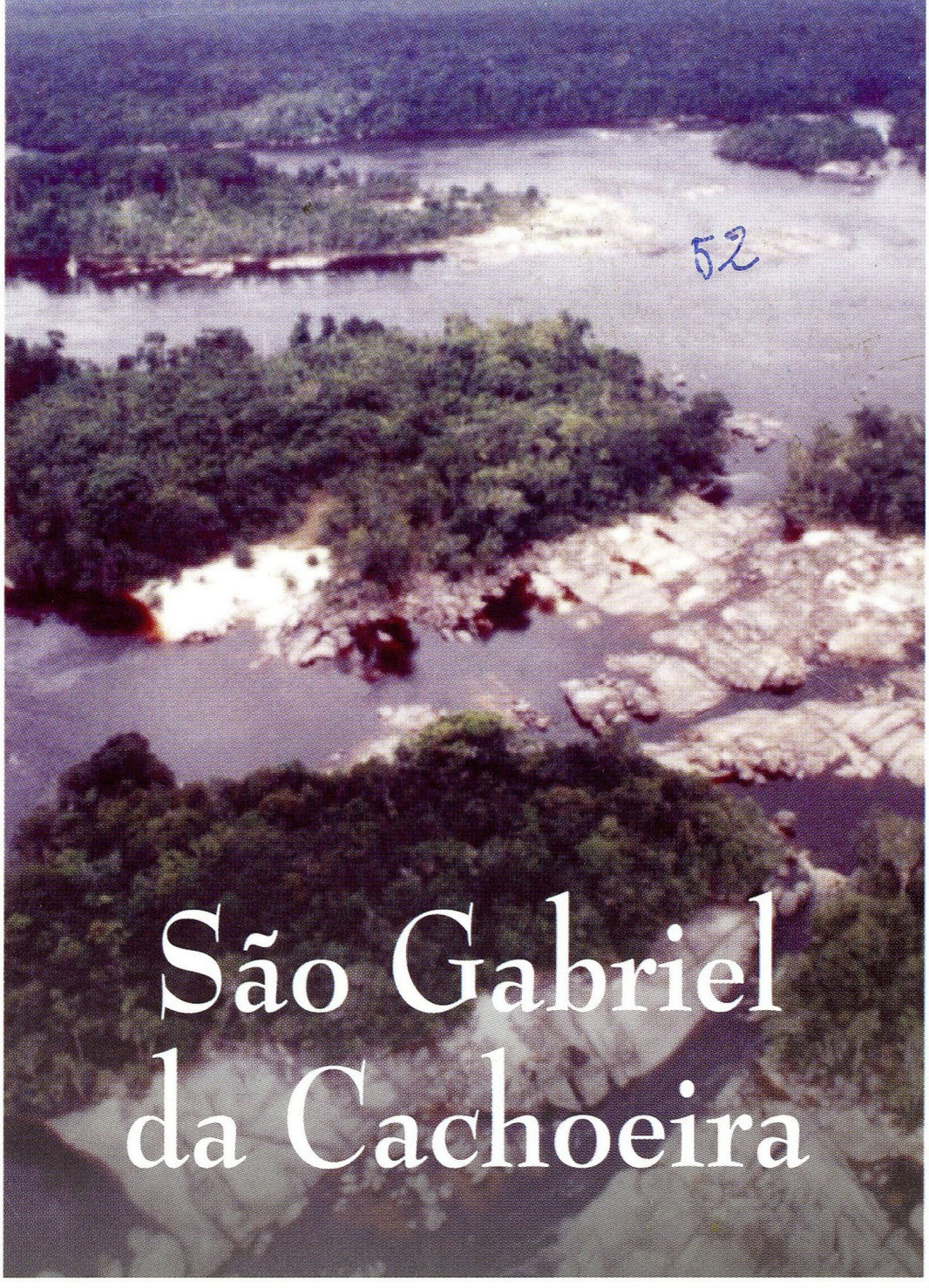
Coleção Documentos da Amazônia Nº 52



São Gabriel da Cachoeira

Fac-similado

Anísio Jobim

Edições Governo do Amazonas

SGC-39592
-3239-

São Gabriel da Cachoeira

(Fac-similado)

Coleção
Documentos
da Amazônia
N. 52

AmM
0114

GOVERNO DO
AMAZONAS

Governador do Amazonas
Amazonino Armando Mendes

Vice-Governador do Amazonas
Samuel Assayag Hanan

Secretário de Estado da Cultura, Turismo e Desporto
Robério dos Santos Pereira Braga

Secretária Executiva de Estado da Cultura, Turismo e Desporto
Vânia Maria Cyrino Barbosa

Secretária Executiva Adjunta
Inês Lima Daou

Assessor de Edições
Antônio Auzier Ramos

Associação dos Amigos da Cultura
Saul Benchimol
Presidente

Alberto Paixão Gonçalves
Diretor Executivo

SEC
Secretaria de Estado da
Cultura, Turismo e Desporto

Av Sete de Setembro, 1546 - anexo ao Centro Cultural Palácio Rio Negro
69005-141 Manaus - Am - Brasil Tels (92) 633 2850 / 633 3041 / 633 1357 - Fax (92) 233 9973
e-mail sec@visitamazonas.com.br - www.visitamazonas.com.br

Anísio Jobim

São Gabriel da Cachoeira

(Fac-similado)

Coleção
Documentos
da Amazônia
N. 52

Edições Governo do Estado
Manaus - 2001

Copyright 2001 Governo do Estado do Amazonas
Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto

Acompanhamento Editorial: Editora da Universidade do Amazonas - EDUA

Editoração Eletrônica: Lídia Santos da Silva

Capa: Lídia Santos da Silva

Jobim, Anísio
São Gabriel da Cachoeira / Anísio Jobim (fac-similado). Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas / Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto, 2001.
58 p.: 21cm (Coleção Documentos da Amazônia, n. 52)

1. Amazônia - História I. Título

CDD 981.2 CDU 981(811.31)

O que estamos conseguindo realizar nas atividades culturais de modo geral não tem paralelo no governo. No campo editorial já superamos todas as marcas, dando oportunidade aos novos escritores, reeditando clássicos da Amazônia, reanimando autores que, de há muito, não manifestavam interesse em retornar às lides literárias, gerando emprego na indústria editorial, renda e permitindo, o que é mais importante, que as prateleiras das livrarias e bibliotecas sejam permanentemente renovadas de autores com vinculações com a nossa terra.

E ainda há muito para realizar. E vamos persistir neste trabalho de ideal e preparação do futuro.

Amazonino Armando Mendes
Governador do Estado do Amazonas

Apresentação

A sedução que a Amazônia tem representado para os que podem conhecê-la, venturosamente, vem sendo traduzida, muitas vezes, por edição de roteiros de viagem, narrativas e estórias que mostram os mistérios, o exotismo, a natureza, o cotidiano do seu povo. Os naturalistas, os viajantes estrangeiros, os brasileiros de outras plagas, todos se encantavam e, nos tempos passados, se debruçavam na produção de longos diários, alguns que acabaram se transformando em clássicos. Poucos cuidaram de reconstituir a história das cidades e das populações do interior, sobressaindo-se, dentre estes, o desembargador e historiador Manoel Anísio Jobim.

São Gabriel da Cachoeira, que agora integra as Edições Governo do Estado do Amazonas na série Documentos da Amazônia, foi incluída na obra *Três Municípios Amazonenses*, lançada em 1965 pelo professor Arthur Cézar Ferreira Reis, ao tempo de seu governo (1964-67) e foi de muita valia para estudantes, professores e pesquisadores. Esgotado, voltará a ser facilmente consultado, servindo aos mais jovens, especialmente aos filhos do importante município do alto Rio Negro que vem buscando firmar-se na política de desenvolvimento do turismo que o Governo do Estado vem implementando, baseado, principalmente, na forte identidade cultural do seu povo e nas belezas naturais que ali são abundantes, extravagantes até.

O autor foi juiz de direito, servindo em vários municípios amazonenses, escreveu diversas obras, a grande maioria voltada exatamente para a recuperação da história das mais diversas comunidades do hinterland como *Manacapuru, Coari, Tefé, Moura, São Paulo de Olivença, Benjamin Constant, Itacoatiara, Codajás*, além de *A Intelectualidade no*

Extremo Norte, Aspectos Sócio-Geográficos do Amazonas e *O Amazonas. Sua História*. Era membro do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas do qual foi vice-presidente e presidente, titular da Academia Amazonense de Letras, na cadeira de Raimundo Farias Brito, exatamente a que tenho a honra de ocupar nos dias que correm.

Alagoano, chegou ao Amazonas nos primeiros meses de 1910, escreveu para vários jornais de Manaus, como *Jornal do Comércio, Capital, O Jornal, Diário da Tarde,* além das revistas de *Educação* e do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas. Foi professor do colégio Nossa Senhora Auxiliadora e de Introdução do Direito na Faculdade de Direito do Amazonas. Esteve na política, inicialmente na condição de suplente de Senador da República na chapa de Álvaro Botelho Maia, exercendo o mandato de 1951 a 1955 quando do afastamento do titular para o exercício do cargo de governador constitucional.

Este trabalho vai cumprir novamente, portanto, seu papel inaugural, reconstituindo a história do município de São Gabriel da Cachoeira, ponto distante do território do Amazonas, região modelar porque aplica na educação de seus munícipes o ensino da língua portuguesa e das línguas nativas, terra de grandes potencialidades para a indústria do turismo e recanto de manifestações folclóricas autênticas e encantadoras.

É obra muita bem acolhida pelo governo do Estado em razão do autor, do conteúdo e objetivos.

Robério Braga

prefácio

O ESTUDO da vida municipal amazonense vem sendo feito, de há muito, com singular intensidade, pelos especialistas locais que já nos entregaram monografias e ensaios cheios do maior interêsse a revelar as qualidades de escritor e de pesquisador dos respectivos autores.

Ainda há pouco, o Estado editou duas dessas memórias, uma sôbre Itacoatiara e outra sôbre Codajás. Agora é a vez de "Três Municípios Amazonenses"; referente a Barcelos, São Gabriel e Airão. Trata-se de três unidades que se inscreveram na crônica estadual através de lances que as dignificaram e importaram na evidência de que seus fundadores, os que lhe manipularam a evolução como os que lhe fazem a ativação econômica, constituem fôrças atuantes no processo de formação e de dinamização do Amazonas.

O autor de "Três Municípios Amazonenses" é especialista na matéria. Já lhe devemos uma série de monografias sôbre outras unidades municipais, tôdas bem feitas e a indicá-lo como escritor de boas letras e conhecedor dos meandros do passado e do presente. Seus livros anteriores deram-lhe projeção. O de agora seguramente vai ampliá-la, porque nêle há o mesmo escritor e o mesmo pesquisador que o tempo não desencôrajou ou destruiu.

Os municípios, cujo quadro e cuja atualidade investigou e propôs, são justamente dos mais antigos na vida do Amazonas. Barcelos serviu de capital da Capitania até perder a função para Manaus, na segunda década do século XIX São Gabriel representou um posto avancado na expansão luso-brasileira pelo mundo amazônico. Foi fortificação e centro urbano. Serviu a soberania que implantou e hoje é centro político como núcleo citadino. Airão tem suas raízes nos primórdios daquela expansão. Não experimentou horas sensacionais na história regional. Mas foi, também, um núcleo que marcou o avanço processado no afã de tornar parte do ultramar português o grande espaco físico que representamos.

Em seu programa de difusão de cultura, o Govêrno do Estado não têve hesitações em divulgar "Três Municípios Amazonenses": pela excelência do autor, pelo mérito do trabalho e pelo que vale para refletir a vida amazonense nas suas melhores manifestações.

MANAUS, dezembro de 1965.

ARTHUR CÉZAR FERREIRA REIS

SÃO GABRIEL
(Ex-UAUPÉS)

índice

SÃO GABRIEL (ex-Uaupés)..... 1

Resumo Histórico..... 3
Situação..... 4
Área..... 4
Limites..... 5
Rêlevo..... 5
Clima..... 7
Vegetação..... 9
Fauna..... 12
Potamografia..... 13
Origem e Evolução da Cidade de São Gabriel..... 28
O Município. Divisão em Distritos e Subdistritos..... 32
Explorações e Exploradores do Rios Uaupés e Içana..... 36
Religião..... 39
Outros Missionários..... 42
A Prefeitura Apostólica do Rio Negro..... 43
A Prelazia Apostólico..... 48
Agricultura e Indústria..... 49
Minerais..... 54
População..... 55
Vias de Comunicação..... 56

RESUMO HISTÓRICO - A região do alto rio Negro, de Santa Isabel, hoje Tapuruquara, para cima, ou das cachoeiras para diante, só foi explorada, ou melhor conhecida, depois que se firmou o Tratado de Santo Ildefonso de 1777, em que Portugal e Espanha resolveram acertar os seus limites.

Os espanhóis levavam a pretensão de assenhoriarem-se de todo o espaço, que vai das cachoeiras, a começar de Camanaus para avante.

Situados em São Fernando, povoação castelhana, no Cassiquiare, reputavam como lhes pertencendo a parte do rio que lhes ficava anterior, a começar daquele ponto e para isso reclamavam constantemente, alegando direitos que não tinham, e fazendo ameaças e provocando conflitos. Para assegurar o seu domínio sôbre as terras e as águas dessa porção, o govêrno português mandou examinar tôdas as bôcas dos afluentes e escoadouros de lagos, e bem assim as povoações que então havia e que eram atestado vivo de sua ocupação, comissionando o Coronel Manoel da Gama Lobo d'Almada para essa tarefa. O General João Pereira Caldas, Governador da Capitania do Grão Pará, a que estava subordinada a administração do rio Negro, fêz seguir para ali uma turma de exploradores sob a chefia do dito Lobo d'Almada, que não só esquadrinhou a região, os seus rios, como suas comunicações uns com os outros e até com o Solimões, resolvendo assim um problema que preocupava os estadistas e demarcadores usos. Sendo a região habitada por múltiplas tribos indígenas espalhadas, procurou reu-

ni-las, congregá-las em povoações, e desenvolver a lavoura, não só para o sustento dos índios, como para o abastecimento das tropas das partidas portuguêsas. Impôs um regime de trabalho de que resultou fartura para os moradores.

Tudo se fêz em ordem e com minucioso cuidado através das florestas, das correntes impetuosas e dos lagos e charcos a que eram obrigados a atravessar, para as devidas medições e observações. Lobo d'Almada nunca se furtou de marchar à dianteira dos seus subordinados e era o primeiro a participar dos perigos, e quando atacado de febres, não se acolhia ao confôrto e tratamento no hospital então existente em Barcelos. Nessa longa jornada por caminhos difíceis, via tudo, anotava tudo, para poder com fidelidade informar ao seu govêrno os acidentes do terreno e as mil e uma passagens no seu itinerário, flora, fauna, malocas e populações indígenas que ia encontrando.

Foi dêste modo um elemento substancial do conhecimento dessa parte do rio, que os espanhóis tanto cobiçavam, fazendo-os retroceder para o ponto em que organizaram suas tendas de campanha.

Depois de tão árdua exploração, o notável oficial lançou suas vistas para o rio Branco, cuja bacia estudou minuciosamente e bem assim dos seus afluentes e confluentes, baixadas e serranias, varadouros e demais aspectos regionais; Escreveu neste sentido várias memórias com meticulosa exatidão.

Essas e outras explorações que antecederam ao trabalho de Lobo d'Almada firmaram o nosso direito aquêle prolongamento do Negro até o povoado castelhano de são Fernando.

SITUAÇÃO — São Gabriel das Cachoeiras, ou simplesmente São Gabriel, até pouco tempo Uaupés, situa-se na zona fisiográfica do rio Negro, na sua parte superior ou alto rio.

Área — É de 169.051 km2.

Limites — Confina com a Venezuela, com os Municípios de Barcelos e Tefé e com a República da Colômbia. As linhas limítrofes estão pormenorizadas no Decreto-lei estadual n.° 1.400, de 3 de março de 1943. O nome primitivo, como transparece da epígrafe, era São Gabriel. Houve necessidade de mudar-lhe a denominação. Assim impunha do Decreto-lei nacional n.° 311, de 2 de março de 1838, que dispôs sôbre a reorganização territorial do país, em vista do qual o Governador do Estado baixou o Decreto-lei de 31 de dezembro de 1943, pelo qual deu o nome de Uaupés ao referido município, sua sede, e ao respectivo distrito. Atualmente o município esto sob a denominação antiga, que é São Gabriel.

Uaupés é o principal afluente do rio Negro, pelo seu lado direito. Primitivamente era conhecido por Ucaiari, que no idioma dos Manau e Baré quer dizer rio de águas brancas. Porém como o gentio que povoava o principal tronco do Ucaiari, é da nação guapé, lhe atribuiram os demais índios o mesmo nome, que os brancos verteram em Uaupés. (Noronha, Roteiro, n.° 184).

Relêvo — O aspecto geral do Município é o de planície com ondulações ligeiras. Planície que se estende quase ininterruptamente, revestida de mata densa, sulcada de rios e lagos. Não há montes em todo o seu vasto território, a não ser pequenas elevações que lhe não tiram o caratér de planura infinita e monótona. Beirando o rio, vêem-se barreiras altas, mais ou menos empinadas, porém a planície é a tônica dominante. Como exceção, há a variar-lhe o aspecto, os pequenos montes do grupo Jacamim, cuja altitude não transpõe de 300 metros, com a configuração que o ilustre geólogo Glycon de Paiva lhe dá "de obeliscos fincados na mata" em torno de São Gabriel.

Mais além divisam-se os picos dos montes Curicuriari, elevados, de arestas nuas, com pouca vegetação no ápice.

Remontando S. Gabriel, divisam-se na amplidão do cenário linhas azuis de serranias, entre os quais Caaburi e

Anário. A visão alcança a Pedra de Cucuí, com 440 metros de elevação. Aí se acha nas suas proximidades o quartel da guarnição militar de nossa fronteira, neste setor.

Enquanto no baixo rio Negro a formação comum é o arenito, no alto predomina o granito.

O Município participa do sistema montanhoso da Guiana ou Parima. Ramificações de uma dessas montanhas (Tapirapecó) forma as cachoeiras de S. Gabriel ou Uaupés.

Guiana é uma expressão geografica, diz Rajá Gabaglia, que tem variado de significação nos Três últimos séculos; tôdavia, de uma maneira geral, compreende tôda a região da parte nordeste do nosso continente, e que demora entre o delta do Orinoco e as bôcas do Amazonas e limitada, no interior, pelo rio Negro e pela Cassiquiare.

Outro autor (H. Roe) lembra que o nome deriva de uma tribo de indígenas que vivia entre o rio Caroni e a cordilheira de montanhas conhecida pela denominação de serras do Imataca, e que adotavam o apelido Guianos.

As cachoeiras de São Gabriel são conhecidas por nomes locais: a começar de Camanaus, chamam-se Furnas, Crocobi, São Gabriel, Paraná-Pixuna, Matapi, Ponta do Remo, Caldeirão e Carangueio.

A cidade de São Gabriel localiza-se sôbre a eminência do rápido de Crocobi, no seu atroar eterno. Aliás, quase todos os afluentes do Negro são crivados de obstáculos.

Um canal de bifurcação das duas grandiosas bacias, a do Orinoco e a do Amazonas, chama-se Cassiquiare. É um rio de 365 quilômetros, que alguns se obstinam em denominar canal. Os portugueses o descobriram no ano de 1744, quando navegavam sôbre o Orinoco sem o saber. Por êle também sulcava a pirôga em que vinha o Padre Manoel Romão, superior das Missões espanholas de Venezuela. Como êle, ignoravam os espanhóis a ligação, quando da

expedição que veio com os nossos até os estabelecimentos do rio Negro, de onde voltou para as suas reduções.

Clima — Ao revés do que se pode pensar, o clima de São Gabriel é bom e saudável, enquanto no baixo curso do rio há casos de febres de caratér intermitente, a sua parte superior oferece outras condições de salubridade, com exceção do lugar da fronteira, Cucuí, onde reinam febres palúdicas.

O Dr. Leovegildo de Sousa Coelho, que viajou em 1861 por êste majestoso afluente da margem esquerda do Amazonas, pôde verificar que entre a cidade de Manaus e o povoado de Santa Isabel, hoje Tapuruquara é ele um pouco doentio. O mal endêmico são as maleitas ou sezões, com o caráter particular de serem sempre acompanhadas com vômitos. Daí para cima elas são raras.

Ao parecer do informante, o que concorria muito para o aparecimento das febres era o apodrecimento e evaparação das águas estagnadas, carregadas de restos de vegetais acarreodos pelo rio.

O povo de São Gabriel, dizia êle, chamava as bexigas, que costumavam reinar nos arredores das cachoeiras, benignamente, de bexigas doidas. (**Relatório da Presidência da Província do Amazonas.** Vol. II pág. 83).

Há poucos anos o notável professor Sampaio Ferraz lançava um estudo a respeito do clima de São Gabriel calcado em dados que lhe foram oferecidos.

Segundo uma tabela de variações atmosféricas que teve à vista, afirma o eminente climatologista que o valor normal barômetrico anual é de 754,2 milímetros, reduzido 0° centígrados. Esta pressão, considerada ao nível do mar, e reduzida a gravidade normal, eleva-se a 759,5 milímetros, valor, diz êle, que reputamos bem de acôrdo com a distribuição geral da pressão atmosférica sôbre o Continente Sul-Americano, e igual à pressão normal de Manaus. Ela é

mais baixa nos meses de outubro, novembro, dezembro e janeiro, elevando-se gradualmente até o valor máximo em julho.

Os meses mais frescos são os de maio, junho e julho, e os mais quentes, setembro, outubro e novembro.

O ar vive sempre impregnado de vapor d'água, como se acha quase sempre nas proximidades de saturação. A não ser durante o dia, maxime às 14 horas, a umidade relativa, na média, está sempre acima de 95%. Quanto à umidade relativa, os primeiros quatro meses do ano e setembro indicam taxas menores, descendo a 85,9 em fevereiro. A umidade relativa elevada agrava a temperatura sensível, sobretudo se a ventilação é fraca. "Embora — escreve Sampaio Ferraz — as noites de São Gabriel sejam mais agradáveis que as de Manaus, já não se poderá dizer o mesmo dos dias, simplesmente em razão da umidade relativa elevada da região aqui estudada, e de sua ventilação menor".

Com relação a nebulosidade, diz o considerado cientista, que ela e elevada, atingindo 7,5. Os meses menos nublados são setembro, outubro, novembro e dezembro.

As descargas pluviais são fortes, notando-se que o período mais chuvoso vai de novembro a maio. Acontece chover um dia sim e outro não, no inverno, e cada terceiro dia no verão.

Sob o ponto de vista da temperatura do ar, as noites são frescas. A média anual de suas mínimas, 21,7, é constante, e amena para clima equatorial de interior sem o menor vestígio de aridez. A média da temperatura nas 24 horas, durante observações de três anos, foi de 25,2.

Os meses mais frescos são os de maio, junho e julho, e os mais quentes — setembro, outubro e novembro, com curioso recrudescimento em fevereiro.

Passa o meteorologista a ocupar-se dos ventos reinantes no município, os quais são: N., NW., SE., E. e NE., sendo

os mais frequentes de N. Quanto aos alíseos, considera que a sua velocidade e pequena, pois que internados no continente, os alíseos já o atingem refreiados pelo atrito da superfície terrestre durante longo percurso. (**Pelo Rio-Mar.** (Publicação salesiana) págs. 6 e 7. Rio, 1941).

Vegetação —- Para qualquer lado que se lance a vista é a mata a expressão mais viva e maior, estendendo-se indefinidamente com o seu viçor eterno, a sua seiva pujante. Parque vegetal imenso sôbre uma superfície enorme, em que os rios cavam o seu leito, e os lagos espelham a sua cristalina toalha líquida, tem sido o rio Negro o "paraíso dos naturalistas", que acodem àquela região levados pelo desejo de contribuir às ciências com os elementos novos que podem colher. Um dêles, Spruce, viajou pelo Içana e pelas terras beiradeiras de Cucuí, pórtico gigantesco de granito, que separa o Brasil da Venezuela.

"A descrição de Spruce, — escreve o Sr. H. Rice — de sua ascenção (refere-se à Pedra de Cucuí) é tão exata hoje quanto à descrição das particularidades botânicas e da petrografia, como o foi há sessenta e sete anos, quando escreve com todo o encanto, lucidez e viveza que distinguem seu estilo literário, e que causava uma impressão tão viva de seus conhecimentos gerais, engenho científico e aguda observação". (**El Rio Negro (Amazonas) y sus grandes afluentes de la Guiana Brasiliena.** Trad. de D. Juan Riano y Gaiangas. 1934).

Sôbre as matas, animais e plantas, é de invocar-se um escritor amigo, o sábio doutor Alexandre Rodrigues Ferreira, que, se não fêz um estudo sistemático da flora daquelas solidões, forneceu grande cópia de matérial para o conhecimento então apoucado da botânica e da zoologia do vale.

As inúmeras remessas para Lisboa provam o seu esforço, o seu cuidado e amor à flora e à fauna, além das monografias que escreveu, de animais e espécies vegetais.

Sem aliás dar um documentário completo, vamos encontrar em suas páginas referências minuciosas às palmeiras, de que destaca as espécies tucumã, piaçaba, indaiá, açaí, murumuru, pindoba, ubim, caranaí, paxiúba etc. especificando como bom observador suas utilidades e fins. De outras espécies descreve as suas aplicações. Assim, ei-lo a informar que para bengalas e móveis há uma quantidade de excelente madeiras, como as que aponta, paumarfim, potouá, tucumã, maçaranduba, abiorana, muirapinima, pau-cruz. Plantas tintórias, ou que produzem magnífica tinta, — anil, araruia, caapiranga, cumaté, uapixana rôxo, macucu negro, muirapiranga vermelho, carajuru, pau-rainha etc. Passa a arrolar as espécies que produzem lãs: algodão, sumaúma, munguba, tauari etc. Os grandes lenhos, as árvores possantes não lhe escapam à retina: angelim, bacuri, barajuba, louro, conduru, copaíba, paracuuba, pau-amarelo, pau-de-arco, pau-rôxo, piquiá, acapu, acariquara, jacarandá, carapanaúba, cânfora do rio Negro, pau-Brasil, puxuri, cumaru e muitos outros.

De muitas árvores e arbustos recorda o emprego que lhes davam os índios para as suas doenças. Até as argálias os indígenas fabricavam das fibras que tem as folhas dos olhos da pacoveira de S. Tomé. "São as argálias naturais", escreve, "que facilitam a erupção da urina, quando há carnosidade na uretra".

Um esmerilhador da flora do Amazonas foi o distinto botânico Sr. Adolfo Ducke, que nos subministra largas noções da floresta hileiana.

"Tratando do rio Negro, diz em relatório antes de Barcelos aparecem as palmeiras caranaí (**Mauritia aculeata** H. B. K.) e jará-açu (**Leopoldinia** maior, Wall.) ambas em touceiras de muitas estipes.

De Barcelos para cima paisagem torna-se cada vez mais bonita, a vegetação está mais florida. Vi em flôr — diz

Ducke - muitas leguminosas, rosáceas, licidităceas, e, sobretudo, nas ilhas a **Hévea Benthamiana**; o bacuri-açu (Platonia insigne, Mart.).

Entre as leguminosas avulta o belo **Heterosteman mimosoides**, com flôres que lembram certas orquídeas do gênero **Catileya**.

Em Santa Isabel encontrei em flôr duas espécies (**H. Guianensis** e **H. Benthamiana**, a leguminosa **Alexa bauiniaeflora** n. ps., no pedral da cachoeira, a **Roratimelaeácea Lasiadennia rupestris**, Benth.".

De outra vez encontrou o botânico o célebre Asterranthus brasiliensis Desf., e descobriu um cipó da família das compostas, com flôres de um róseo intenso e magnífico.

O Sr. Adolfo Ducke tentou a escalada da montanha Curicuriari, cuja altitude êle calcula em mais de mil metros. "Vista de longe, do rio Negro, ela lembra a Tijuca do Rio de Janeiro, mas logo vê-se que é muito mais íngreme, parecendo inacessíveis três picos mais altos de pedra nua".

"A serra — continua o Sr. Ducke não foi ainda visitada por um botânico, mas o etnógrafo Teodoro Koch-Grunberg subiu um dos seus cumes até a base do paredão vertical".

Longo seria acompanhar o especialista através de rios e matas, não sòmente do rio Negro e sim de todo o vale do Amozonas, de onde recolheu uma enorme variedade de plantas para o Museu Botânico, em cujos quadros figura como funcionário de categoria superior.

O Dr. Luetzelburg, botânico da Inspeção de Fronteiras, dividiu fisiográficamente a região, segundo lemos em uma revista, em quatro seções distintas:

a) a das caatingas. É constituída de matas baixas, muito irregulares sem paus grossos e linheiros; com

vegetação densa, palmeiras, plantas foliadas e cipós, numa mistura contínua sôbre terreno alagado. É rica em madeiramento mole;

b) a das terras firmes. A flora é rica em palmeiras;

c) a das barreiras e cachoeiras. O terreno apresenta o aspecto de campinas com vegetação semi-xerófila;

d) a dos lagos e paranás. O reino vegetal oferece o fácies das caatingas.

Um fato interessante foi observado pelo cientista alemão. Notou em vários rios que de um tronco tortuoso partiam galhos compridos paralelamente à folha de água, ostentando todos os seus ramos na direção horizontal, e explica biologicamente o fenômeno: havendo falta de espaço dentro da floresta espêssa, como também pela necessidade de receber bastante luz para a floração, o vegetal avança a sua galhada sôbre o rio, onde o sol vivificante vem beijá-la com seus raios dourados.

FAUNA — É grande a quantidade de mamíferos, carnívoros, roedores, paquidermes, ruminantes, desdentados, cetáceos, como é abundante a quantidade de aves e pássaros, principalmente trepadores, galináceos, pernaltas e aves de rapina. Não menos copiosos são os réptis, lagartos, ofídios, peixes, tartarugas.

O mimetismo de que usam certos animais não deixa de impressionar os amigos da natureza. O camaleão furta-côr confunde-se facilmente com o meio que o cerca, e, além disso, possui aparelhos de locomoção que lhe permite trepar as árvores.

"As florestas — diz Artur Orlando — imitam o perfume umas das outras, por uma questão de defesa. As borboletas tem o instinto de não pousarem em ramos e folhas que não tenham parecença com a sua côr e formato.

As flôres fazem provisão de nectar aos insetos, e êstes prestam às plantas o serviço da fecundação.

Há estreita relação, pondera aquêle polígrafo, entre as espécies animais e as condições do meio exterior (geográfico, climático e alimentício), e esta relação determina não sòmente a extensão mas ainda a fixidez do **habitat**.

Os répteis preferem a invernação à imigração, os pássaros, pelo contrário, emigram, segundo as estações, e o fazem aos pares, em bandos ou por miríades. (**Flora e Fauna do Brasil** - "Revista da Academia Brasileira de Letras", Janeiro de 1911. Ano II, n.º 3).

Assim, registram-se no rio Negro grandes migrações de patos e garças do Orenoco, quando êste grande rio esta cheio. A razão a que atribui Humboldt é a falta de alimentos, que não encontram no soberbo rio da Venezuela; mas logo que baixam as águas, para lá retornam em bandos.

POTAMOGRAFIA — A bacia hidrográfica do Amazonas forma um complexo considerável de rios, paranás e paranás-mirins, sobressaindo dentre todos o tão celebrado rio das Amazonas, em verdade, o maior do mundo. Seguem-se-lhe vários outros caudais, não menos notáveis pela vastidão e potencial de águas.

No número dos grandes rios da Amazônia figura o Negro, afluente da margem esquerda do Amazonas, enquanto o Madeira tem a supremacia entre os tributários da margem direita.

Rio Negro — Já demos dêste grande rio uma noção no nosso estudo sôbre o Município de Barcelos, para não ser necessário reproduzí-lo aqui.

Todavia, damos alguns traços dêste notável caudal, que o Coronel Themístocles Paes de Sousa Brasil, numa descrição que dêle fêz, comparou-o a uma vitória-régia. "Tem-se a impressão diz ele de que a bacia rasa à feição de uma

Esta impressão lhe veio talvez das grandes larguras que o rio assume em determinados lugares. A partir de Manaus, cidade plantada à sua rnargem esquerda, essas dilatações se observam de espaço a espaço, em que o rio se espraia por cêrca de cinquenta quilômetros de largura, a ponto de não se avistar uma das margens. Essas dilatações se reproduzem, de quando em quando, até Santa Isabel. Daí por diante o rio estreita um pouco, mas corre sôbre leito de pedras. As corredeiras nesta secção são inúmeras, Porém onde se tornam tormentosas e mesmo perigosas é na garganta de São Gabriel, em que se comprimem as águas dilúviois dêste imenso caudal, precipitando-se em saltos. rápidos e cachoeiras com os nomes locais, a que já fizemos alusão.

Climatològicamente, conforme observa o professor Rajá Gabaglia, ao contrário do que se verifica na bacia do alto rio Branco, a sêca é de setembro a março, determinando frequentes incêndios nos campos e nas matas.

"Em São Gabriel, na confluência do Negro com o Uaupés, e situada praticamente na linha do Equador, (6° 08 latitude S) a amplitude anual das temperaturas médias mensais, é apenas de 1° 4 C e a pluviosidade é de 2.960 milímetros".

Êste imponente rio, que nasce na Colômbia, depois de receber importantes afluentes, que lhe engrossam as águas, entra no território brasileiro cêrca da Pedra de Cucuí, de 44O metros de altitude, dominando tôda a vastidão da várzea integralmente vestida de matas virgens. Ao lado daquele monumento granítico, ergue-se a ilha de São José, por onde passa a nossa linha de limites com a República da Venezuela.

Na opinião do aludido professor Raja Gabaglio, o rio Negro é formado por três outros de constituição diferente e com fisionomia própria: o Guainia, o Uaupés e o Branco, tendo as suas fontes os dois primeiros na Colômbia. Para

os geógrafos descritivos, escreve aquêle autor, o rio Negro é o Guainia, que consideram seu ramo principal. "É preciso notar que não assiste razão aos que assim pensam, pois a direção geral do rio Negro é a do Uaupés, de sorte que êste é que deveria ser considerado o rio principal; o curso do rio Negro seria então, de 3.000 quilômetros, ao passo que o Guainia-Negro tem pouco mais de 1.700 quilômetros.

A côr das águas, como a própria denominação do rio diz, é negra, de um escuro carregado de tinta de escrever, dizia La Condamine. Esta característica está nos étimos das designações antigas, dadas pelos naturais Quiari, paraná-Pixuna, Curano etc. que tôdas significam água escura. O nome rio Negro foi dado pelo aventureiro espanhol Francisco de Orellona, ao passar pela sua foz em 4 de junho de 1542.

Mas, não obstante as águas se apresentarem escuras, elas são tomadas em pequena porção, de uma côr de ambar cintilante, como notou o Sr. H. Rice, e são das mais límpidas e potáveis. Vários exames de laboratório tem revelado a pureza e propriedade higiênica da linfa do rio Negro.

É um rio, apesar das proporções enomes de seus quadros, um tanto pesado e triste, nas suas baías, nas suas lagunas, nos seus enormes paranás, nos recortes de suas enseadas longínquas.

Suas praias são alvíssimas, contrastando com as do Solimões que são morenas.

Geralmente é dividido em duas secções, a do alto e baixo curso, assim denominados pelo geólogo Sr. Glycon de Paiva "os trechos a montante e a jusante da garganta de São Gabriel". A denominação não é justa, pondera aquêle técnico, porque o alto curso em nada se distingue do baixo, sob o ponto de vista do trabalho do rio". (**O Vale do Rio Negro**, "Boletim n.° 40, do Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil". 1929).

Já o professor Raja Gabaglia diz que em território nacional o curso pode ser dividido em dois escalões, um com a extensão de 442 quilômetros de Cucuí a Santa Isabel, o outro, das primeiras corredeiras em Santa Isabel até a confluência no Solimões. (**A bacia do Rio Negro**, "Boletim Geográfico", n.º 35, fevereiro de 1946).

Rio Xié — O Xié ou Ixié deságua à margem direita do rio Negro, nove léguas abaixo da povoação de Marabitanas, onde o govêrno português, nos idos coloniais, mandou erguer um forte, destinado a obstar o passo ao castelhano, cobiçoso da região. Corre entre o Uaupés e o Içana.

Seu curso é de 300 quilômetros, e é francomente navegável até as cachoeiras, conhecidas pelos nomes Cumati-Cachoeira, Pamá, Malacenha e Arô. A respeito a primeira, escreve o General Boanerges Lopes de Sousa: Cumati-Cachoeira é o primeiro obstáculo que encontramos no Xié. A secção encachoeirado tem 250 metros por 50. O desnível é de dois metros. A vazão se faz junto à margem direita, sôbre lages de granito". (**Explorações geográficas na Região do Alto Rio Negro**", Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia", Vol. V, pág. 94, 1944).

Nas matas marginais observam-se muitas árvores de molong, macucu, castanha de macaco, arapari, e inúmeras palmeiras, entre as quais distinguem-se a açaí, a bacaba, o patauá e a jará.

As águas do Xié são claras. Suas nascentes acham-se o divisor com o Guainia. Entre os seus formadores acha-se rio Canhocandela, ou rio do Fogo, que possui a particularidade de ter as águas avermelhadas. Outro formador e o rio Triapis.

O Xié foi antigamente habitado pelos índios Banibas, Querequena, Mendó e outros. Atualmente vivem em seus sítios, nas terras altas, alguns clãns de Banibas e Siucis, que

se ocupam da extração de borracha, balata e piaçaba, de que tecem cabos e fabricam vassouras.

Rio Içana — O Içana e afluente da margem austral do Negro, onde desemboca por uma foz de 650 metros de largura.

Os indígenas assim o denominaram devido as muitas voltas que o rio faz na sua trajetória. Içana quer dizer laço.

"É um rio que se assemelha muito ao Uaupés diz o General Boanerges Lopes de Sousa — no seu curso inferior que podemos considerar até Iandu-Cachoeira, apresenta feições análogas ao baixo Uaupés, correndo sôbre dois terraços acidentados pelo desnível do Tunui, onde o rio rompe caminho através do esporão do macicço de Itacolomi definido pela serra do Tunui".

O Içana está superior ao Uoupés oito léguas, e tem as suas cabeceiras na Colômbia.

De aspecto majestoso, com inúmeros canais e lagos, recebendo a contribuição de muitos rios, alguns dêles volumosos, o Içana abriga nas suas margens e nas dos seus tributários muitas famílias de índios Hoodenis, Siucis, Iras-Tapúias, Juruparis, Arara-Tapúias.

Dos seus contribuintes destacam-se o Cuiari e o Iraipi, à margem esquerda; o Piraiuara, o Aiari e o Cabaté, a direita.

Geralmente é designado com ênfase por "caudal dos Baníuas".

Descendo por degraus formodos pela serra do Tunui e outras elevações, o seu curso é interrompido por vários tombos, dos quais se distinguem os seguintes: Cachoeira-Malacacheta, Tunui-Cachoeira, Iui-Iuitera, Popunha-Rupitá, Iandu-Cachoeira. Fora dessas quedas o rio tem corrente morosa.

O Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira o explorou em 1785, sem que houvesse chegado as suas cabeceiras, que,

como dissemos, acham-se na Colômbia. Seu rumo geral é S. E.

O Içana foi centro de muitas tribos indígenas de Banibas, Tumaiaris, Deçanas, Puetanas, Uerequenas. Descendentes dêsses índios povoam-lhe as margens.

Os etnólogos sustentam que êsses aborígenes perderam a pureza da raça devido ao cruzemento com outros povos e com os brancos, que ali aparecem, não para civilizá-los, e sim para escravizá-los e aviltá-los.

Estão reduzidos a algumas famílias hábitando sítios esporsós ao longo do rio, vivendo de pequena agricultura, de caça e pesca, em malocas, e conservando os suas antigas crenças e cerimônias. Dão-se a arte da ceramica.

Recolhendo material de estudos etnográficos, em 1927, Curt Nimuendaju viajou por êste rio. Os índios, ao avistar a canoa, ocultavam-se no mato. Apenas alguns principais dêsses grupos de família o recebiam com aspecto severo, adiantando logo: "Aqui não tem nada". Outros menos reservados apróximavam-se do forasteiro, e vendiam-lhe, sempre pelo dôbro, farinha, beijus, peixe moqueado.

Viu o etnógrafo grossos bastões ôcos de embauiura destinados a marcar o compasso nas danças, diademas de penas com pendentes dorsais.

Os lauretés-Tapuios são bons fabricantes de louça fazem pratos com muito gosto e beleza.

Nas vizinhanças do cerro do Tunui tinham as suas malocas e roçados os Baníuas, Acaiacas e Cadaupuritanas.

Certo dia correu por todo o rio que o Capitão Firmino vinha com uma fôrça prendê-los e massacrá-los. Aonde chegava a notícia alarmante os índios tratavam de fugir para os matos, ou subir o rio em demanda da Venezuela. Ficaram as suas margens quase desertas, porque muitos poucos deixaram-se ficar.

A missão do militar porém era outra, de paz, e não de violência; tinha por fim convencê-los de que não havia perseguições, e o seu desejo era reuní-los, para que cuidassem de suas ocupações.

Aconteceu que um índio venezuelano, por nome Venâncio, da tribo dos Baníuas, fêz-se enviado de Deus, um nôvo Cristo, e como tal anunciava milagres, fazia casamentos, batisados, descasava os casados, sendo de logo acompanhado por uma turma de discípulos.

Viu-se o govêrno do Amazonas na contingência de mandar prender o índio solerte, que se dizia santo, e os embusteiros, que o seguiam.

Os soldados do forte de São Gabriel, fizeram-os debandar. Daí a notícia de que a expedição do Capitão Firmino Xavier, encarregado das obras militares de Cucuí, e diretor dos índios do Içana, ia prendê-los e castigá-los, produzindo a fuga em massa dos habitantes.

O então Presidente da Província, Dr. Francisco José Furtado, em sua mensagem à Assembléia Legislativa Províncial, em setembro de 1858, escrevia:

"Devo, porém, referir-vos as reuniões de índios no Içana e outros lugares do alto rio Negro, promovidas por alguns charlatões que, intitulando-se Cristos, lograram iludir os índios, e extorquir-lhes os seus poucos haveres, batisando-os, casando-os e descasando-os no meio de continuadas danças e orgias.

Informado pelo meu ilustre antecessor da primeira reunião capitaneada por um índio venezuelano, e que S. Excia. havia resolvido mondar o Padre Romualdo Gonçalves de Azevedo como missionário, a fim de chamar os índios às suas casas e ocupações, desiludindo-os dos embustes do falso Cristo, o fiz partir a 18 de novembro de 1857, dando-lhe as necessárias instruções e ao Capitão Joaquim Firmino

Xavier, encarregado das obras de Cucuí, que o devia coadjuvar para mais seguro resultado da comissão.

Antes da chegada do missionário, uma escolta mandada pelo comandante do forte de São Gabriel havia dispersado a reunião e prendido dois índios e uma índia brasileiros, que se diziam São Lourenço, Padre Santo e Santa Maria, os quais aqui chegaram a 2 de novembro de 1857, e foram por mim empregados nas obras públicas, onde se conservam pacificamente, tendo falecido, há dois dias, um dêles". (**Relatórios da Presidência da Província do Amozonas**. Vol. IV).

Diz que o pretenso "Cristo" evadiu-se para a Venezuela, e que, tendo o missionário adoecido, o Capitão Firmino percorreu, sem oposição alguma dos indígenas, o rio Içana, conseguindo tirar dos matos e reunir nas suas povoações a muitos alí homisiados (1).

Na foz do Içana existiu em algum tempo o povoado de Nossa Senhora da Guia.

Rio Aiari - Segundo o General Boanerges Lopes de Sousa, o rio Aiari lembra em ponto menor o Negro com as suas águas escuras e as suas praias alvíssimas.

Tem o leito arenoso em seu curso inferior, livre de pedras e cachoeiras. No inverno cobre as margens que são baixas e forma extensos e profundos igapós.

É o maior afluente do Içana, que nêle se lança pela margem direita. De certa altura em diante começam a aparecer pedras e rochedos e não tardam os patomares de rochas formadores das cachoeiras, designadas pelos nomes de Apuí-Cachoeira e Araripi-Cachoeira.

---

(1) O relatório do Capitão Firmino Xavier, que foi até a fronteira com a Venezuela, é uma peça interessante, que foi publicada no "Arquivo do Amozonas", de 23 de abril de 1907 - Vol. I - n.º 4.

Diz Curt Nimuendaju que Apuí-Cachoeira é tida como o lugar de origem dos Baníuas que, de acôrdo com a lenda, sairam de uma caverna de uma das pedras no meio do rio. Além dêstes silvícolas habitam o Aiari, os Siucis-Tapuias Uananas, Hoodenis e Juruparis-Tapuias.

Numa maloca dos Hoodenis foi o etnógrafo servido de beijus e cuinhapira e cuias com xibé.

É costume ao chegarem índios de outras tritos vizinhas, serem recebidos com longos discursos de saudação, fornecendo-se-lhes em seguida caxiri, bebida muito usual entre êles, bem como caapi, nas festas.

Um filho do chefe da moloca Seringa-Cachoeira andava acima e abaixo vaidosamente ostentando o seu enorme enfeite peitoral, composto de triângulos de prata reluzentes, e cuidadosa pintura do rosto, e o feixe de fôlhas aromáticas metido no cordão da cintura.

"Usam êstes índios - escreve Curt Nimuendaju — tocar flautas de iapurutu e ocarinas feitas de crânio de veado".

Rio Cuiari — É um dos mais caudalosos contribuintes do Içana pela sua margem esquerda. Corre em solo brasileiro cêrca de 100 quilômtros por entre margens, onde cresce uma vegetação composta de árvores frondosas e se encontra com abundância uma fava que os índios chamam "comanda", apresentando a curiosidade de uma dilatação oca no caule, onde se aiojam formigas em comensalismo com a planta, defendendo-a do ataque das saúvas. (Glycon de Paiva, obra cit. pág. 43).

Aliás, essa leguminosa é encontrada copiosamente nas margens do Içana e do Aiari.

Nota-se, na parte do baixo curso do rio, inúmeros paranás-mirins e a formação de grandes baías.

Há poucos anos o General Boanerges Lopes de Sousa, membro da Comissão de Fronteiras, explorou êste e outros rios da região, realizando reconhecimentos geográficos e levantamentos.

Rio Uaupés — Assinala-se por seu curso de 850 quilômetros, pela vastidão de suas águas levemente barrentas e pela quantidade de cachoeiras, que lhe obstruem o leito.

O Uaupés é um rio de bonitas perspectivas, de paisagens formidáveis. Ainda hoje é o rio talvez mais habitado por índios, e onde, segundo o depoimento de Glycon de Paiva, as tribos procuram a todo transe guardar a língua, a religião, os costumes e a tradição dos seus maiores. "É talvez um dos únicos pontos do Brasil inteiro onde se possa ter a impressão do ambiente dos primeiros anos de nossa existência. O índio do Uaupés não entende português, não se veste e se esquiva do branco".

Em território brasileiro o Uaupés percorre 516 quilômetros. Nasce nos Andes Colombianos, sua corrente deriva no rumo geral sudeste próximo de oeste-leste (Glycon de Paiva).

É todo êle cheio de cachoeira, algumas delas inacessíveis, trabalhosas de vencer. É preciso descarregar a carga das lanchas, motores e ubás, e passá-la por terra. Para êste mister existem varadouros por onde se faz o transporte da carga. Os próprios índios se encarregam desta operação.

As cachoeiras principais são, na classificação do geólogo Glycon de Paiva, as seguintes:

1 - Ipanoré-Urubuquara;
2 - Iauaretê, começando em Uacari-Aca, acabando em Maripira;
3 - Caruru-Cachoeira até Panapaná;
4 - Tapiira-Iurau com as célebres quedas Cemitério e Cumá.

5 - Jácaré-Cachoeira;
6 - Jacamin, Pacu, Tamanduá, Piranhas, Tucano e Tucunaré.

Devido às muitas tribos que ali existem, tem sido o Uaupés percorrido por várias celebridades mundiais em etnografia, como Wallace, Natterer, Koch-Grunberg, Curt Nimuendaju e outros.

Na região, segundo Lima Figueiredo, vivem os descendentes dos povos Aruaques, Caribés, Cubéus, Tucanos e Macus, êstes últimos considerados raça inferior. Hoje estas tribos estão subdivididas em várias subraças, como os Siucis, os Carutanas, os Hoodenis, os Ipecas, os Deçanas, os Cauás, os Arapaces, os Tijucas, os Borás, os Jaúnas, os Uaruanas e outras, tôdas conhecidas e estudadas nos seus costumes, crenças e mitos, dos quais o mais interessante é o do Jurupari. (Anísio Jobim, **Monografia Geográfica do Estado do Amazonas**. pág. 186 — 1949).

São principais afluentes do Uaupés: Tiquié, Papuri, Querari e Cuduiari, correndo êstes dois últimos por terras colombianas. A nossa linha de limites com a Colômbia define-se no rio Querari, tributário da margem esquerda, cortando-o pela foz.

Glycon de Paiva, com o seu talento vibrátil, dá uma descrição excelente dêste rio no seu magnífico trabalho já citado, "**Vale do Rio Negro**".

Na introdução ao seu livro, escreve: "O alto Uaupés é a fonte da filigranada tessitura da lenda e da mitologia da planície: De Tunui um maciço montanhoso do Içana desceu a longa teoria de Mulheres que, descuidosas de seus ingratos maridos, presas aos encantos da palavra sutil de Iurupari, foram, rio abaixo, habitar sòzinhas o Iamundá, onde Orellana as viu e chamou-as Amazonas e assim também à Terra ao Rio".

Rio Tiquié — O afluente Tiquié representa um grande rio com muitos patamares de cachoeiras. Seu comprimento é de 350 quilômetros.

Rio Papuri — É outro contribuinte de grande calibragem; sua extensão é calculada em 280 quilômetros.

Em seu álveo coalhado de obstáculos, contam-se nada menos de 59 cachoeiras, muitas delas impetuosas.

Vários outros rios desembocam no Negro pela sua margem meridional. Assim, o Tomo, o Curicuriari, o Marié, o Uruboxi, o Inuixi.

Rio Curicuriari — Tem a sua barra próxima a decadente povoação de Camanau. É um rio ainda selvagem, por desbravar, habitado por alguns índios brabos, que tem acometido exploradores de castanha e de balata. Tem longo curso, as águas frias e escuras.

Percorreu-o em viagem de estudos o notável etnógrafo alemão Koch-Grunberg. Também o visitou por três vêzes com o fim de examinar a sua flora o considerado botânico Sr. Adolfo Ducke, em 1934, 1935 e 1937.

Anotou o especialista a existência, no igapó da bôca do rio, do **Asterranthus brosiliensis** com as suas grandes flôres côr de ouro e de estrutura singular; da **Qualea suprema** n. sp. ; **Voquisiácea**, com uma só petala muito grande e de um azul magnífico; da **Dimarphandra unijuga**, Tul. e **Hortia Coccinea**, Spruce.

Em todo o curso inferior do rio aparecem árvores muito belas. Na cachoeira do Caju deparau-se-lhe uma paísagem verdadeiramente encantadora, terreno acidentado, e por tôda parte as copas floridas do "iebaro" (**Eperua purpurea**) de um róseo purpúreo tão brilhante e intenso que, na conformidade com a crença indígena, "faz mal a vista".

Informa o saudoso botânico que há extensos tratos de terra, onde a caatinga chega até a beira do rio, tendo

feição especial com muitas rosaceas (**Licania**) e não raramente **Cyrilla antillana**, e **Lightia licanioides**, uma das duas únicas trigoniáceas arbóreas conhecidas. O botânico dirigiu-se a terceira cachoeira, chamada Dabaru, onde descobriu na mata da margem a nova e bela espécie de **Ocnáceas** (Wallace multiflora Duck), segunda de um gênero considerado monotípico. Das árvores mais altas aponta o puxurira (**Octea fragrantissima** Fam. lauráceas), cujo madeiro possui em grau intenso o aroma da fava do puxuri, proveniente de uma outra laurácea, às vêzes cultivada (**Acrodiclidium puchuri** maior). Encontrou também a árvore do duraque (**Aguiária**, nôvo gênero de bombáceas).

Rio Marié — O Marié serpenteia por montes e vales, tendo na foz a largura de um quarto de légua, e muitas pedras.

Conta Alexandre Rodrigues Ferreira que "nêle entram acompanhando ao principal Manacaçari, por ordem do Ilmo. e Exmo. Sr. Francisco Xavier de Mendonça Furtado, quando nesta (Mariuá), residiu pela primeira vez o Capitão de Infantaria Estevão Joseph da Costa, o Tenente Manoel da Silva Alves, o desenhádor Joseph Antônio Landi, com um corpo de tropa, no desígnio de trazerem a gente que a S, Excia., prometeu o principal; e havendo o capitão destacado da ilha, em que se aposentou no meio do rio, o Cabo de Esquadra Joseph com 2 ou 3 soldados, e alguns índios para as terras do gentio, que lhe ficavam fronteiras, bem cedo se desenganaram da sua perfídia, porque mataram o cabo, um soldado e alguns índios, e feito o delito se retiraram".

Era habitado pelas tribos Mepuri e Macu.

Por êste rio se passa ao Japurá. (**Viagem Filosófica pela Capitania de São José do Rio Negro** - "Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.", Tomo XLVIII, pág. 96).

Pela margem esquerda do rio Negro defluem os rios Mararuiá, Cababuri, Padauiri e outros menores.

Rio Dimiti — O Dimiti tem 80 quilômetros de curso, e 120 metros de largura. É geralmente profundo. Suas águas são escuras.

Rio Cauaburi — Também e conhecido por Cababoris, Caraburi, Cataburis e Cabori. Nasce na encosta meridional da serra Imeri, na Guiana. Descreve longa trajetória na direção sul. A começar da foz do Maturacá inclina-se para o nascente.

O Cauaburi é caudaloso e encachoeirado. Recebe uma quantidade de afluentes em ambas as margens. Suas matas são umbrosas e viridentes.

Em 1786 foi visitado pelo naturalista filósofo Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, que chegou até a confluência do Cauaburi com o rio Maturacá, acompanhado por seu auxiliar Joaquim Codena.

Pelo Maturacá subiu, segundo nos informa o referido naturalista, naquele ano, o Cabo de Esquadra Raimundo Maurício, e na distância de dia e meio de viagem, encontrou uma cachoeira grande; daí se entra o rio a repartir em vários igarapés, um dos quais vai sair ao rio Pacimoni, e por êle descendo, ao canal Cassiquiare.

Alexandre Rodrigues Ferreira nos informa que o rio enche repentinamente, em caindo pouca chuva, e com a mesma prêsteza com que enche, êle vaza; que a maior parte de suas margens são alagadiças, e que povoamento uma infinidade de mosquitos. Sua corrente é impetuosa, e não obstante ter as águas claras, elas se turvam com as enxurradas das serras.

Logo perto da foz há uma grande cachoeira, seguindo-se a esta mais duas menores. De certa altura distinguem-se duas serras, a dos Mabius e a do Cauaburi, que na sua expressão "parece uma praça arruínada".

Descrevendo esta montanha, diz que o cume é escalvado e consta de saxo, o qual chega a adquirir com o sol um

tal grau de calor que incendeia o restolho, que nele há; e do fogo assim exercitado procede nos índios, que observam, a admiração com que vêem e contam uns aos outros, que há na dita serra um fogo prodigioso, porque ignoram a causa: uma das suas sumidades se apresenta em forma de um grupo farpado, e é absolutamente inacessível.

Referências ao rio Cauaburi faz o General Dionísio de Cerqueira: "o rio corre com velocidade; as margens são mais ou menos elevadas; em certos lugares deprimem-se e o rio invade as matas formando profundos igapós. As águas são barrentas. A vegetação é esplêndida. De certo ponto em diante começa-se a avistar a serra de Onori com seus altos picos quase nus e de côr avermelhada que se assemelham a essas ruínas de castelos feudais, que vemos paisagens do Rheno. (**Reminiscências da Fronteira**. Rio 1928).

Rio Padauiri —- Na segunda metade do século XVIII, escrevia o Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira a respeito dêste rio, dizendo que êle é de águas brancas, correntoso, que vem de norte a sul, e que deságua à margem setentrional do Negro, defronte da povoação de Tomar. Pouco adiante de sua barra apresenta-se a sua primeira cachoeira, com barreiras de quatro e cinco braças de altura.

Encontrou algumas roças de moradores de Tomar, de café, mandioca, tabaco e anil. As experiências feitas com sementes de linho cânhamo não deram o resultado desejado, por falta de poder germinativo das referidas sementes.

"É rio êste mais que abundante das palmeiras muruti, jauarí, açaí; a piaçaba é mais rara. Em qualquer parte há ubim; só da cachoeira para cima há ubussu para a cobertura das casas, e nos rios colaterais, assim como nas suas cabeceiras, alguma salsa e copaíba aparece. Pela vazante do rio tiram-se dêle bastantes tartarugas, das que por aqui se chamam jurarás e tracajás, bem como os peixes tucunaré,

traíra, aracu, piraíba, grandissimas piranhas de 2, 3, e 5 libras de pêso, surubim etc., e de rio cheio algum peixe-boi".

"Nas terras das margens aparecem os jábutis, os caititus, veados etc., e nadam no rio infinitas lontras, antas e capivaras e quanto às aves nunca vi tantos mutuns e cujubins".

Um dos moiores afluentes da margem ocidental do Padauiri é o Marari, que tem as suas fontes nas fraldas da serra Tapirapecó.

O Padauiri era considerado até poucos anos pestilento, porém depois que começou a ser devassado pelos seringueiros, castanheiros e balateiros, e se foram extraindo dêle os seus produtos naturais, sensivelmente foi-se modificando o seu ambiente agressivo, de sorte que já hoje não é temido, e conta um bom número de moradores, que lá foram se estabelecer.

De 1879 a 1884, por ocasião da demarcação dos nossos limites com a Venezuela, a comissão brasileira composta do Tenente-Coronel Francisco Xavier Lopes de Araujo, Barão de Parima, chefe, Major Guilherme Carlos Lassance, Capitão Joaquim Xavier de Oliveira Pimentel, Capitão Dionísio Evangelista de Cerqueira, Tenente Taumaturgo de Azevedo e mais auxiliares, teve de sofrer duro castigo das molestias reinantes.

Em relatório descreve o Barão de Parima o que foi essa longa exploração em regiões desconhecidas, selvagens e doentias, os sofrimentos impostos aos seus componentes, as perdas de homens, e todos os percalços de expedições como esta, que vibra mais que tudo em seus responsáveis o amor à pátria.

ORIGEM E EVOLUÇÃO DA CIDADE DE S. GABRIEL — A atual cidade de S. Gabriel, ex-Uaupés, foi na sua origem, em meados do século XVIII, uma maloca de índios Passés, situada à margem setentrional do rio Negro, em

pleno domínio das cachoeiras, e na sua parte mais estreita, defronte da chamada Praia Grande e do primeiro salto da catadupa do Crocobi.

Da Praia Grande parte uma estrada que leva ao centro da povoação constituída numa eminência granítica, que vai se elevando aos poucos.

Ali foram se estabelecer os Passés, a que vieram se reunir outros índios, das nações Baré, Mapuri e Jurupixanas, descidos do sertão. As casas surgiram sem alinhamento devido as desigualdades do terreno.

Em 1761 subiu, por ordem do Governador da Capitania, o Capitão de Granadeiros José da Silva Delgado, com o objetivo de montar sôbre a esplanada da colina rochosa uma casa forte, que se destinava a defender aquela parte superior do rio contra uma possível invasão espanhola, já várias vêzes anteriormente tentada.

O forte de pedra e barro constava de dois baluartes, na frente, e das cortinas, que o fechávam pelos lados e pela retaguarda.

Possuia dez peças de ferro, montadas em suas carretas, a saber: seis de calibre 4, e 4 de calibre de meio.

Um quartel para a guarnição, um parque de armas e mais apetrechos de guerra, uma casa da pólvora e um calabouço eram as dependências daquela primeira fortificação. Dizemos primeira, porque, reconhecidas as suas deficiências, por informações dos oficiais que a comandaram com uma fôrça de perto de sessenta praças, o General Manuel Bernardo de Melo e Castro, Governador do Grão Pará, fêz seguir, em 1762, para aquêle distrito o engenheiro alemão Filipe Sturn, a serviço das demarcações portuguêsas, a fim de corrigir as lacunas do referido forte. Filipe Sturn levantou um reduto para defender o passo rio acima e pelo lado do norte, o que não se podia esperar da fortaleza construída na ilha. Ainda em 1775 experimentou essa

trincheira de pau a pique, com dois baluartes na frente, algumas modificações, que a completaram, subsistindo apenas atualmente dessa obra alguns escombros e velhas ruínas.

No número dos fronteiros que passaram pelo seu comando figuram o referido engenheiro Filipe Sturn, o Tenente-Coronel João Batista Mardel e o Coronel Manuel da Gama Lobo d'Almada, que chegou a São Gabriel a 3 de maio de 1774, na qualidade de Comandante militar das cachoeiras do rio Negro.

Informa o naturalista filósofo Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, que para se chegar à fortaleza e à igreja matriz, era preciso subir uma longa escada de dezêsseis degraus, que ficavam sensìvelmente distanciados um do outro.

A igreja, edificada ao lado do forte, era espaçosa, "um barracão de madeira coberto de palha, interiormente pintado com a decência precisa".

No altar-mor achavam-se duas imagens, a de Nossa Senhora da Conceição e a do Arcanjo São Gabriel.

O eminente historiador dá uma relação das alfaias e paramentos então pertencentes à matriz, em que destaca uma pixide de prata dourada com manto de lhama branco, rendado de ouro, um cálice também de prata dourada, com a sua patena, duas caixas de madeira com as âmbulas de estanho para os santos óleos, dois castiçais grandes, e nove ditos pequenos de estanho, um par de galhetas, um lavatório, uma campainha. Havia mais dois frontais de damasco branco com sebastos de encarnado, uma casula com manípulo, e estola do mesmo, uma capa de asperges de damasco branco, e da mesma côr o veu de ombros; o fôrro e as cortinas interiores do sacrário, e o pálio eram de damasco encarnado. O pendão das procissões era de tafetá branco; existiam além dêle duas mangas de cruz, branca e rôxa; as cortinas de chita azul para tôdas as portas e janelas da capela-mor, e as outras ditas de riscado para

tôdas as portas, menos a tribuna. Outros utensílios foram mencionados pelo arguto observador. A igreja não tinha sino.

O vigário queixava-se que na sua residência tudo se umedecia, e se destruía o sabão, o sal, a pólvora, a roupa.

A paróquia do município de São Gabriel data de 25 de junho de 1833, porém em 1775 o Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira fala nas freguesias de São Gabriel e São José dos Marabitanas, e diz que os vigários que paroquiaram as duas freguesias, antes de serem divididas, foram seis, desde Fr. José de Santa Úrsula, religioso franciscano, até ao Padre Martinho Pereira Lima, presbítero secular; depois da divisão, que se fêz no ano de 1774, contavam-se quatro, desde Fr. Dorningos do Rosário, até o Fr. Manuel do Monte Carmelo, ambos religiosos carmelitas.

Um século decorrido, o panorama da vila não era muito diferente. O aspecto geral quase o mesmo. A paisagem como que parada.

É assim que em 1861 o engenheiro Dr. Leovegildo de Sousa Coelho, que foi em comissão do govêrno do Amazonas ao alto rio Negro, entre outros fins observar o estado das povoações do dito rio Negro, traça com mão hábil o perfil bárbaro de São Gabriel.

"O lugar em que está colocada a povoação de São Gabriel — dizia ele — é bastante alto, tendo em alguns lugares mais de vinte braças acima do nível de água do rio. A povoação consta de 33 casas, incluindo a residência paroquial e a igreja.

As casas formam uma única rua cheia de altos e baixos na direção N.S., elas são em geral de um bonito aspecto e muitas são rebocadas e caiadas.

As descidas para as margens do rio são bastante ingremes, com exceção da que fica ao sul da povoação. Esta fica entre duas cachoeiras, uma das quais chama-se

Crocobi; em uma das baixas do terreno corre um estreito igarapé denominado Maxiacá, sôbre o qual estão umas traves em forma de ponte.

A residência paroquial, construída gratuitamente pelos habitantes da povoação, é um bom e bem feito edifício.

O cemitério e é o melhor de tôdas as povoações do rio Negro, fica em um lugar elevado. É todo cercado; as estacas da frente estão arranjadas de modo que representam diversos frontões a quem vem de longe". (**Relotório sôbre o estudo das povooções do rio Negro**. "Relatórios da Presidência da Província do Amazonas", Vol. II, Págs. 817-818).

A instrução era coisa muito precária no rio Negro; basta dizer que era raro o inspetor que sabia ler. Havia três professores de português, o de Barcelos, o de Tomar e o de São Gabriel, o primeiro era o único que tinha discípulos. Os moradores, refere o engenheiro, não queriam mandar seus filhos para a escola, porque desejavam antes aprendessem a caçar e a pescar, do que a ler.

O Município. Divisão em Distritos e Subdistritos — Uaupés, atual município de São Gabriel, segundo o plano administrativo e judiciário, organizado para servir no quinquênio 1944-1948, estava dividido nos distritos seguintes:

Uaupés, Içana, Iauaretê e Tapuruquara.

O primeiro foi subdividido nos subdistritos Uaupés, Cucuí e São Pedro; o segundo (ex-São Filipe) nos subdistritos do Içana e Marabitanas; o terceiro, Iauretê, nos subdistritos de Iauaretê, Taracuá e São Joaquim e o quarto Tapuruquara, (ex-Santa Isabel) nos subdistritos de Castanheiro, Carmo e Juruboxi.

Tapuruquara demora na margem norte do rio Negro. Achou-se em outro tempo na ribanceira do sul. Chamava-se então Vajauari, tendo perto e um pouco acima a bôca do rio Uruboxi, que La Condamine grafou errado para Yurubech.

Autorizou a mudança do povoado para o local em que estava o Governador da Capitania de São José do Rio Negro, Coronel Joaquim Tinoco Valente, no ano de 1774. Denominava-se Uautari o nôvo sítio, diz Alexandre Rodrigues Ferreira, para onde se mudou, o qual, suposto que terras férteis, não deixa de ser infestado de piuns e das mutucas, pela vazante do rio.

Era povoado de índios Uaupés, Juris, Passés, Baníuas, Uarequenas e Macus.

Ao serem mudados os nomes de cidades, vilas e povoados, para evitar duplicatas de denominação, na forma do Decreto-lei 311, do govêrno federal, trocaram-lhe o designativo para Tapuruquara, escolha pouco feliz. Pois se tinha o nome de Uautari, era conservar-lhe o topônimo indígena muito mais sonoro, tendo ainda a seu favor a tradição.

Tapuruquara chama-se uma corredeira das muitas que existem acima da localidade.

Esta povoação em extremo decadente está a 423 milhas da capital, e é ponto terminal da linha de navegação dos vapores do SNAPP (Serviço de Navegação da Amazônia e Administração do Pôrto do Pará).

Castanheiro Novo — Foi antigamente habitado de índios Passés, Juris e Chamas. Sua fundação data de 1774.

Nossa Senhora de Loreto de Maçarabi — Povoação de indígenas e mestiços, fundou-a o português Antônio José da Cunha, em 1772. Repousa sôbre lages de granito. Nas ilhas defronte cresce abundantemente a árvore da casca preciosa, conhecida pelos naturais por inidau. Nos tempos coloniais fazia-se grande comércio das cascas desta árvore. A devastação não respeitou êste patrimônio importante.

São Bernardo de Camanau — Está situada esta povoação, cujo estado é de inteira decadência, à margem norte do rio Negro, tendo recebido o nome de seu fundador, o

tuxáua Camanau, que faleceu na foz do rio Piraparaná, ao sair para o rio dos Apapóris, a serviço de descimento do gentio para aumento da população de Caldas, no rio Cauaburi.

O pôrto de São Bernardo de Camanau dista doze léguas de São Gabriel, e é constituído de um longo recife de pedras, que quase atravessa o rio de uma a outra margem, e em que segundo Alexandre Rodrigues Ferreira, "a celeridade das correntes, os redemoinhos das águas e o estrondo que faz ao despenharem-se dos altos, tudo isto contrai o espírito mais desembaraçado".

Outras povoações fundadas na bacia superior do Negro desapareceram.

Ainda existiam em 1833, segundo Baena, as aldeias de São Bernardo de Camanau, São Miguel de Iparana, Nossa Senhora de Nazaré do Curiana, Nossa Senhora do Loreto, São João do Mabé, São Marcelino e a aldeia de Guia.

Perante êste estranho desaparecimento de povoados e vilas, o Cônego Bernardino de Souza, um estudioso das coisas do Amazonas, exclamava:

"Não sei que rnau fado persegue êste imenso vale do Amazonas, aqui parece que o mundo não caminha, retrograda; aqui as povoações em vez de aumentarem e crescerem, diminuem e desaparecem. Revendo-se os mapas e as corografias da Província, reconhece-se que a tendência à ruína e a destruição é endêmica neste vale, como as febres que nas cabeceiras dos rios dizimam a população.

"O rio Negro, por exemplo, outrora tão povoado e florescente, é hoje quase um deserto, e povoações que ainda em 1833 existiam, como Lamalonga, S. Bernardo, S. Miguel do Iparana, Nossa Senhora de Nazaré de Curiana Loreto, S. João de Mabé, Carvoeiro Novo e Carmo, nem delas hoje existem ruínas.

Êste desmoronamento, essa destruição vai atacando também as povoações que ainda restam". (**Comissão do Madeira, para e Amazonas**. Segunda Parte, pág. 122).

O autor refere-se ainda ao declínio quase vertiginoso de Barcelos, cuja história enche os nossos anais políticos e sociais.

A razão dêste destroço, do desaparecimento de povoados, tem sido levado a conta de os habitantes abandoná-los e entranharem-se pelos matos, e edificar as suas palhoças nas margens dos inúmeros igarapés e lagos, ao pavor que lhes despertava o recrutamento, e as arbitrariedades cometidas pelos subdelegados e inspetores dos povoados, e também algumas vêzes, em outros tempos, aos ataques contínuos de algumas tribos selvagens. No número dos que assim pensam acha-se o Dr. Leovegildo de Sousa Coelho.

São José dos Marabitanas — Está colocada esta povoação acima da foz do Xié, na sua margem meridional. Aí fundou o govêrno colonial uma casa forte, para conter o surto de expansionismo espanhol.

A igreja matriz erguia-se em frente ao referido forte, havendo uma capela no interior do mesmo, em ambas entronizada a imagem de São José, padroeiro da localidade.

A população constava de 206 índios e aldeanos em número de 107.

Em 1861 tinha a povoação cinco ruas em diversas direções. Em 1879 a Comissão Mista de Limites Brasil-Venezuela, chefiada a turma brasileira pelo Barão de Parima, passou em São José dos Marabitanas cêrca de um mês, a espera dos seus colegas venezuelanos. A êsse tempo tinha o povoado 22 casas cobertas de palha, uma igreja velha e um cemitério.

Lá também estêve em trabalhos demarcatórios a Comissão Mista Brasileira de Limites do Setor Oeste, em 1935.

A população era de côr baça e terrosa, e vivia flagelada pelas febres, alimentando-se miseràvelmente de peixe, farinha e frutos do mato, quando havia. As meninas e mocinhas do lugar pegavam paneiros de periquitos e levavam para a casa a fim de comerem.

EXPLORAÇÕES E EXPLORADORES DOS RIOS UAUPÉS E IÇANA — Em 1784 achava-se no rio Negro o Coronel Manuel da Gama Lobo d'Almada, mandado como governador militar da zona encachoeirada do dito rio, zona que começando em Santa Isabel, envolvia tôda a região que se estende até a Colômbia, Venezuela e as Guianas Inglêsa e Holandesa.

Engenheiro militar, tinha vindo da África, onde servira em várias campanhas, e fêz-se tão conhecido pelo seu valor, intrepidez e ilustração, que o govêrno de Portugal o mandou para a América, a fim de comandar a fortaleza de Macapá, sendo depois removido para Mazagão e outros postos, em que se tornava necessária a sua presença.

Cogitou o Marechal de Campo João Pereira Caldas de mandar para a parte superior do rio Negro o Coronel João Batista Mardel, mas, em virtude de indicação do reino, resolveu designar para exercer aquelas funções o referido Coronel Manuel da Gama Lobo d'Almada, dando-lhe instruções especiais para o cumprimento de sua missão. Comissão delicada e difícil, que entendia com o exame minucioso da terra, das bacias dos rios, suas comunicações, principalmente do Uaupés com o Japurá, artéria sôbre a qual passaria a linha de limites entre Portugal e Espanha, empenhados em dar execução ao Tratado de Santo Ildefonso (1.º de outubro de 1777), de que era principal comissário da partida portuguêsa o aludido João Pereira Caldas. Além das explorações dos cursos de águas e demais acidentes fisiográficos, cuidasse êle de nuclear as diversas tribos esparsas, de indústrializar o anil com mais intensidade e fomentar o quanto possível o fábrico das farinhas, para manutenção das tropas

da demarcação. E sôbre tudo isto se ocupasse do reparo das fortalezas, e da defesa da região, que era ponto nevrálgico naquele remoto sertão. E de tôdas as obrigações deu o oficial cabal desempenho, com minuciosidade, exatidão, clareza e patriotismo, como era de seu feitio.

Perlustrou os rios Xié, Içana e Uaupés. Descobriu comunicações dêste último com o Japurá, conhecimento de que fazia empenho a metrópole, uma pelo Tiquié, afluente do sobredito Uaupés, pela sua margem direita, e a outra, mais acima, pelo Unanã, também afluente do Uaupés, mediante pequeno trajeto por terra até alcançar o Ussaparaná, confluente do Apapóris, que verte para o mencionado Japurá.

Indispensável era o conhecimento das comunicações dêste rio com outros, para melhor elucidação da região, e dos pontos por onde haviam de cruzar as divisórias do Amazonas com as colônias espanholas. Em outros setores, astrônomos e geógrafos, colhiam informes e observações da formidável bacia amazônica, para melhor facilidade do traçado.

Lobo d'Almada teve que enfrentar sérios perigos nessas exporações pela floresta úmida e bravia, pelas veias potâmicas dilatadas e profundas, por onde passou, indiferente às feras e às doenças, só vendo diante de si o cumprimento do dever. Êle era o primeiro a se avantajar nos reconhecimentos, o primeiro a tomar a dianteira dos seus auxiliares e subordinados nos muitos lances dramáticos de suas exaustivas explorações.

Outro pioneiro no devassamento da região foi o Tenente Jesuino Cordeiro, que fôra comandante da fortaleza de São Gabriel. Jesuino Cordeiro era homem ativo e zeloso, apesar de rixento e de temperamento brusco.

Em 1854 subiu o Uaupés, indo até os seus formadores, pequenas fontes, uma delas na serra Camareta. Investigou

o curso do rio, suas corredeiras e cachoeiras, paranás e ilhas, bem como as populações indígenas não só do referido Uaupés como de alguns de seus tributários caudalosos.

Outra cabeceira do Uaupés foi descoberta por um morador de S. Pedro, chamado João José; uma terceira por Nicolau Palheta, que revelou à geografia mais uma comunicação com o Japurá e o Solimões pelo rio Marié.

Jesuino Cordeiro, diz Bento Aranha, era comerciante, morador antigo no alto rio Negro; serviu na qualidade de guarda policial nos destacamentos militares de São Gabriel, Marabitanas e Cucuí, e conhecia praticamente os rios Uaupés, Içana e Xié e seus contribuintes; achava-se reiacionado com os índios de tôdas as naçõoes que os povoavam; falava melhor do que o português o nheengatu e diversas gírias dessas nações.

Tinha servido com o Coronel Lobo d'Almada, e reunia prática suficiente no trato com o gentio, conhecendo perfeitamente as moradas, os seus usos e costumes e ritual religioso.

A lista de exploradores ainda se enriquece com os nomes de Wallace, em 1852, de Henry Coudreau, em 1881, de Johann Natterer e de Koch-Grunberg, em 1903, o qual empreendeu várias viagens pelos rios Içana (350 quilômetros), Uaupés, Curicuriari, Tiquié (200 quilômetros), Iacaca-paraná, Apapóris.

Nessas travessias, que denotam o viajante infatigável, entrou em contacto o amigo dos indígenas com muitas tribos, que estudou.

Como se sabe, o ilustre etnógrafo faleceu, depois de continuadas viagens pelo sertão, e de estudar a fundo os povos selvagens, — em Vista Alegre, povoação que demora no rio Branco, intermediária entre a várzea e o platô montanhoso, quando iá incorporar-se à Comissão Rice, que che-

gou ali ao dia seguinte, recebendo penalizada a notícia da morte do sábio.

Natterer explorou o Uaupés até a cachoeira Ipanoré. Êste mesmo ponto geoaráfico foi atingido por Coudreau.

O Conde de Stradelli, que se diz também explorou êste rio, na expressão de Koch-Grunberg, não passa de um "noveleiro". Bento Aranha considera-o "um pândego". (**As exploroções e os explorodores dos rios Uaupés e Içana**.— "Archivo do Amazonas". Ano I, Vol. 1, n.° 2).

RELIGIÃO — A falta de missionário, antes e depois da inauguração da Província do Amazonas (1.° de janeiro de 1852), era sensível. Os diretores de índios (**Diretório dos índios**, organização de Mendonça Furtado) mal cumpriam os seus deveres, a maioria dêles porfiava em se locupletar com o trabalho dos silvícolas.

Ao assumir a presidência da Província o Dr. João Batista de Figueiredo Tenreiro Aranha, que a inaugurou, observou no seu relatório "que importantes serviços à religião e à sociedade fizeram aqui em remotos tempos os missionários, especialmente os da ordem dos Carmelitas, entre os quais ainda agora pode ser considerado, como um dos mais insígnes, o reverendo Fr. José dos Santos Inocentes, que apesar de enfermidades, presta ainda ofícios paroquiais pelos lugares do rio Negro".

Das três missões que se haviam estabelecido nos últimos tempos na Província, apenas encontrou uma, a do Andirá, com pároco.

Os indígenas do rio Uaupés e outros e até lavradores com suas famílias, à falta de sacerdotes, se iam passando para o território da Venezuela; por êste motivo, e compreendendo o quanto era necessário o serviço da catequese, resolveu mandar para aquêle rio o capuchinho Fr. Gregório José Maria do Bene, que ficaria como vigário geral do rio Negro, pois, devido ao embaraço da moléstia, já não podia

assistir aos seus fregueses Fr. José dos Santos Inocentes. Ao mesmo tempo fêz seguir para manter a ordem nas aldeias, e cooperar com o missionário italiano, o Tenente das Guardas policiais Jesuino Cordeiro.

Dados os seus precedentes, e o conhecimento que tinha das bacias dos rios Uaupés e Içana, e o convívio com as nurnerosas gentilidades, não podia a designação ser mais fetiz.

O religioso desdobrou-se em esforços e solicitude no desempenho dos seus sagrados encargos, e vemo-lo como bom eclesiástico a frente das aldeias, que restaurou, e-outras que fundou, em tudo isto ajudado por Jesuino Cordeiro, com quem não tardou a inimizar-se, se bem não sofressem prejuízo as iniciativas de aldeamento dos índios.

Sôbre Fr. Gregório, esclarece Bento Aranha, "foi o nome que adotou na ordem religiosa a que pertence antecedendo ao seu secular, que conserva".

Êste mesmo autor nos adverte que, antes da Comarca do Alto Amazonas ter sido elevada a categoria de Província, tinha havido missões no alto Uaupés e Içana. Missionários carmelitas, na foz dêste rio e além da cachoeira então conhecida pelo nome de Pirá, haviam fundado as povoações de S. Joaquim do Cuané e de S. Jerônimo de além Pira-Cachoeiro. E, entrando depois no Içana, estabeleceram na embocadura dêste rio o povoado S. Filipe e na do Xié, o de S. Marcelino.

Com a partida dêsse missionário, os moradores retiraram-se dessas aldeias, que se arruinaram.

Com a presença de Fr. Gregório tudo se reanimou, refloresceram as povoações, que tantos sacrifício haviam custado.Assim, de uma relação que consta do seu escrito, "**As explorações e os exploradores dos rios Uaupés e Içana**",

entramos no conhecimento de que os núcleos restaurados foram, no Uaupés: Mutum-Cachoeira, Aracapuri, Caruru-Cachoeira, Jabutirarapecuna, Papóris, Pacu-Cachoeira, Iauaretê-Cachoeira, Iuquirarapecuna e S. Joaquim.

Para o restabelecimento dêsses povoados teve o concurso dos principais das diferentes tribos, principais que foram devidamente nomeados anos atrás, uns pelo Governador da Capitania, Manoel Joaquim do Paço, em 1820, outros nos anos de 1848-1851, com carta-patente, honras e obediência, que lhes seriam tributadas. Os tuxáuas, com essas distinções, sentiam-se engrandecidos e ufanos. Destarte não foi difícil agremiá-los e aos de sua respectiva nação, exortando-os a que voltassem aos seus lugares primitivos.

Êsses povos eram Cubéos, Tarianas, Ananá, Piratapuias, Tucanos, Juruás, Deçanas, Arapacos, Baníuas, Cutias, Guanis, Macus etc.

Além das missões citadas, foram criadas mais as seguintes: Trovão, Pitunarapecuna, Iuitera, Cunuri, Corocoró Iuarapecuna, Taracuá, Ambaiua e algumas outras mais, como as comunidades de Querari, no alto Uaupés, nos rios Codiari, Tiquié, Papóris e Içana.

Está visto que êsse esforço gigantesco não foi só obra do padre, e sim também de Jesuino Cordeiro, que a tal propósito foi dedicado, constante, apesar de seu gênio irascível.

Não faltaram ao ministério humanitário da catequese desilusões e provações, necessidades, aperturas da fome, que o rnissionário, resignadamente, e seu cooperador, suportavam. Haja visto, para exemplificar, o assalto dos índios Carapanás a povoação Santa Cruz dos Cubeuas (Mutum-Cachoeira) a 13 de abril de 1853, achando-se presente o religioso e Jesuino Cordeiro que, de boa fé, consentiu no desembarque dêles, porém, quando viu que vinham armados

com flechas, curabis ervados, murucus ervados, lanças encabadas, taquaras e cacetes, e atacaram logo os índios mansos da povoação, dando-lhes cacetadas, então reagiu, mandando atirar, ferindo dois dos malvados, que vieram a morrer no dia seguinte. Os demais fugiram.

Outros missionários — Com a descida para Manaus do reverendo Fr. Gregório, por motivo de moléstia, e dada a volubilidade do índio, e devido aos bandidos, que se acercavam das povoações para explorar inexoràvelmente o trabalho dos íncolas, negociantes compradores de "drogas do sertão", balateiros e seringueiros, de que sofriam pertinazes violências, que se estendiam até ao lar, as aldeias teriam fatalmente afundado na indiferença e na ruína se Jesuino Cordeiro não prosseguisse a orientar os principais e a reunir gente para engrossar a população.

A falta de Fr. Gregório foi preenchida por outros igualmente fervorosos sacerdotes. Dos que o sucederarn, contam-se: Fr. Venâncio Zilochi, nomeado em 1880 administrador das Missões do Uaupés e Içana, e Fr. Mateu Camioni, que o veio auxiliar no mesmo mister.

A missão de Ipanoré, segundo o testemunho de H. A. Coudreau, cresceu em habitantes, como apresentava-se com uma igreja bem construída, um cemitério, uma escola e uma cadeia. Em 1883, Fr. Illuminato Coppi fêz dela sua residência, e considerou-a capital das povoações do alto Uaupés e Içana. Taracuá era a capital dos povoados do baixo Uaupés.

Êsses missionários não puderam continuar por muito tempo na sua faina altruística, e, com o seu regresso, viu-se, sem tardança, desmoronar-se o paciente labor de tantos anos, as realizações que custaram tanta mortificação e sacrifício.

Abriu-se para êstes rios Uaupés e Içana um período de abandono.

O estado das igrejas era lastimável; viviam quase tôdas elas acéfalas.

Em 1872 dizia o Governador da Província Dr. Domingos Monteiro Peixoto:

"Com prejuízo do pasto espiritual continuam acéfalas as vigararias de Tauapessaçu, Codajás, Manicoré, Moura, Tomar, São Gabriel, Marabitanas, Carmo, Vila da Conceição, Fonte Boa, São Paulo de Olivenca e Tabatinga".

O mal não era, pois, só no rio Negro, estendia-se a muitos municípios e freguesias.

As igrejas de São Gabriel e Marabitanas mantiam-se num estado de relativo asseio, enquanto as outras estavam deploràvelmente imundas.

Esta situação das igrejas em ruína e ausência de párocos, que socorressem os povos com o conforto da religião continuou por alguns anos.

A Prefeitura Apostólica do rio Negro — Em 1908 o preclaro Bispo do Amazonas, Dom Frederico Benício da Costa, querendo ter uma visão das vilas e povoações do rio Negro, e do grau de religiosidade dos seus habitantes diocesanos, empreendeu uma viagem ao dito rio, objeto de suas cogitações. Um dia deixava a comodidade de Manaus e partia, acompanhado por Fr. Josué, capuchinho, do irmão Acácio e de um menor. Visitaria o rio Negro até o alto curso e o Uaupés.

A idéia, que alimentava, de visitar êstes rios riscando suas calhas pelo sertão longínquo, objetivou-se com o convite, que lhe fêz, o Sr . Joaqulm Aguiar, comerciante e chefe político em São Gabriel, o qual foi à sua casa acompanhado do Comendador Joaquim Gonçalves de Araujo, chefe de uma grande firma da praça de Manaus. Ficou de logo resolvida a partida, que seria no dia seguinte, mal tendo tempo o Excelentíssimo Sr. Bispo de arrumar-se para a grande incursão que ia fazer, sujeito aos azares da sorte, incumbin-

do-se o Comendador Araujo de mandar preparar um bom farnel para a viagem que seria longa e perigosa.

Da capital êle foi saltando nos povoados e vilas, nos principais estabelecimentos e sítios, onde dizia missa sempre que podia, e batisava e casava e, impunha a crisma, fazendo sermões e incitando o povo a prática das virtudes, o incentivo ao trabalho, aos deveres cívicos dos cidadãos, a prece salvadora, a obediência as leis, aos preceitos da religião e o amor à pátria. Em todos os lugares, mesmo os mais pobres, foi o antístite bem recebido com manifestações populares, que o comoviam.

Até acima de Santa Isabel, depois Tapuruquara, a viagem decorreu maravilhosamente, sem nenhum incidente, ficando encantado S. Excêlencia com o panorama nôvo que lhe oferecia a majestade do rio Negro, os seus aspectos bravios e belos, felicidade que o acompanhou até o término dessa fatigante travessia, o que não estava acostumado.

Ao aproximar-se de São Gabriel, êle escreve:

"Não houve incidente algum digno de menção na nossa curta viagem até São Gabriel. Nos lugares mais perigosos desembarcamos e assistimos a difícil tarefa de passar a canoa; as vêzes caminhamos por terra alguma distância; por tôda parte tivemos ocasião de ver quadros admiráveis da natureza, que verdadeiramente é empolgante nesses lugares perigosos".

Ao chegar a São Gabriel, depois de contemplar a pinturesca localidade, escreve:

"É bela a situação de S. Gabriel. Pela frente as serras de Curicuriari, Uanari, Cabari e Carangueijo; atrás a serra de S. Gabriel. De todos os lados o belo e sublime do terrível: a morte e o abismo diante dos olhos. Sempre, dia e noite, o ronco ensurdecedor das cachoeiras.

De fato, o rio Negro que pouco acima forma uma grande baia, estreita-se de repente, formando uma aper-

tada garganta, por onde precipita-se a enorme massa de água que vem desde o centro da Venezuela, recebendo tributários poderosos, como o Orenoco, o Içana, o Uaupés, cada um deles equivalente a um mundo. É incalculável aí a fôrça da correnteza, que vem bater de encontro as pedras da fortaleza, formando uma catadupa e mais adiante um rebojo que é o terror dos pobres navegantes" (Carta Pastoral - Ceará-Fortaleza, pág. 26, 1909).

Dessa cidade seguiu até Cucuí, cuja situação descreve, e depois, de volta dêsse acampamento de fronteira, entrou no Uaupés, atingindo as altas cachoeiras, e entrando em contacto com as tribos e clãs que ali se situam em suas malocas.

Essa penosa viagem, e o enternecimento que lhe proporcionaram os pobres íncolas e as populações dos vilarejos, propiciaram-lhe o ensejo de escrever uma "Carta Pastoral" impressa em Fortaleza, onde narra a miúde as etapas do seu perigrinar através dos dois mares, o rio Negro e o Uaupés, em que a sua alma de benfeitor se expande em considerações que não vem a pêlo aqui transcrever.

Regressando a Manaus, trazia um objetivo, uma determinação que se deu pressa em transmitir ao Santo Papa, encarecendo a necessidade de criar nessas regiões abandonadas do elemento espiritual, uma Prefeitura Apostólica, que assistisse à massa de habitantes dêsses agrestes rincões e principalmente aos pobres selvagens das bacias do Uaupés, Içana e rios tributários. (1)

---

(1) Dom Frederico Benício da Costa, segundo Bispo do Amazonos, sucessor de D. José Lourenço da Costa Aguiar, nasceu na cidade de Boim, no Estado do Pará, a 18 de setembro de 1875. Mostrando decidida vocação para o sacerdócio, ordenou-se em Roma, a 1.º de abril de 1899.

Distinguido com a dignidade de Cônego, não tardou o seu

O Sumo Pontífice, atendendo aos seus rogos, criou pelo Decreto da Sagrada Congregação da Propaganda Fide, de 18 de junho de 1914, a instituição, cujos destinos foram entregues, conforme os desejos de Dom Frederico, aos padres salesionos, sendo nomeado Monsenhor Lourenço Giordano, incansável educador e valoroso catequista.

Em 1916 estava êle à frente da Prefeitura, consagrado aos seus labores humanitários, com a mesma devoção que sempre empregou em outros postos, percorrendo a região, procurando conhecer os seus catecúmenos, e com êles identificar-se, visitando famílias indígenas de amigos troncos Aruaques, Caraíbas, Cubéuas, Tucanos e outros clãs.

---

aproveitamento em missão difícil, para a qual tinha êle as qualidades precisas.

É assim que S. Santidade a Papa Pio X nomeou-o Bispo de Santarém, cuja diocese governou por pouco tempo, pois foi em breve nomeado para a Diocese do Amazonas, sendo sagrado em Roma, em 19 de março de 1904.

A Diocese amazonense foi estabelecida, com grande gáudio da população, pela Bula "Adversos orbis", havendo o nôvo dignitário tomado posse a 2 de junho de 1907.

Êste venerando apóstolo da Igreja católica, cujas virtudes o apontam como um dos mais ilustres que teve o Estado, pela fé, pelo exercício da caridade, pela cataquese pelas excêlencias de seu espírito e ilustração, em pouco mais de cinco anos de mitra prestou ao Amazonas, que o recebeu com festas e grande alegria, assinalados serviços.

Entre os feitos de sua atividade episcopal, registram-se os seguintes: foi o fundador do Colégio Santa Darotéia, em Manaus, da Vigararia forânea do Purus e Acre, da paróquia de São Sebastião, da Prefeitura Apostólica do Rio Negro e outras instituições e obras de beneficência.

Tendo renunciado a mitra em junho de 1913, o Santo Padre nomeou-o Bispo Titular de Tubuna.

Internando-se num convento, faleceu em Barcelona a 25 de março de 1948.

Para tal era preciso enfrentar as intempéries, o sol, a chuva, os abismos dos rios, com suas corredeiras e catadupas, o ambiente agressivo da floresta e dos pântanos, requeria-se disposição, coragem, abnegação, e tôdas essas qualidades as tinha o monsenhor.

Infelizmente não teve tempo de terminar a sua grande obra. Numa viagem ao rio Padauiri, conhecido como doentio, êle que já andava doente e depauperado, foi preso de um surto maligno de febres, cujo estado se agravava a cada hora. Conhecendo a gravidade do mal, pediu aos seus dedicados companheiros que o levassem para São Gabriel. Porém não foi possível atender aos seus últimos desejos; morreu, sendo então o corpo levado para o cemitério mois próximo, na povoação de São Joaquim, trinta quilômetros abaixo, onde teve sepultura. Por onde paossava a canoa e chegava a triste notícia do perecimento do monsenhor, os seringueiros e balateiros acorriam pressurosos em prestar-lhe a última homenagem acompanhando o féretro. (Arthur C. F. Reis, **A Conquista Espiritual do Amazônia**, pág. 95).

Um companheiro insepáravel nessas jornadas foi o padre salesiano João Balzola, vigário geral da paróquia de Barcelos, falecido em 1927.

Monsenhor Giordano restabeleceu no Uaupés e Içana várias aldeias e concentrou em São Gabriel a missão chefe, a sede principal de onde se irradiariam as novas construções salesianas, que pontuam os rios daquela imensa região confinante com a Venezuela e a Colômbia.

Novos edifícios, igrejas, colégios, hospitais, jardins, campos de agricultura e de futebol e aprendizados agrícolas ornarn os núcleos missionários esparsos.

O multi-milionário norte-americano, Sr. H. Rice, escreveu a respeito da Missão de São Gobriel, o seguinte:

"Em 1917 minha expedição demorou-se várias semanas em S. Gabriel, no rio Negro superior, e interessou-me

comparar as condições do povo naquela época com o que era nas minhas duas visitas em 1908 e em 1913, respectivamente. Havia melhorado; desde 1916 se tinha inaugurado uma missão, sob a direção dos padres salesianos, avivando assim o sentimento religioso e o sentimento espiritual do lugar, dando uma renovação de vida à igreja minúscula e à correspondente pequena tôrre, donde retiniam os sinos. O Padre Lourenço Giordano, Prefeito apostólico do rio Negro (Amazonas), está à testa da missão e o Padre João Balzola é seu auxiliar coadjutor.

Ambos têm trabalhado durante muitos anos no deserto brasileiro convertendo os índios ao Cristianismo, vivendo vida de nobres exemplos e humildade, sem afetação, verdadeiros missionários". (**El Rio Negro (Amazonas) y sus grandes afluentes, de la Guyana Brasileña**. Trad. de D. Juan Riaño y Gayangos - 1934).

H. Rice fêz espontaneamente donativos valiosos à Missão, dotando-a de um bom aparelhamento hospitalar, e grande cópia de remédios.

Descrevendo o pôrto, disse: "O pôrto de São Gabriel está a alguma distância da cidade, ao fundo do forte na cachoeira Crocobi, em uma enseada de águas tranquilas, bordada por uma grande praia de areia branca, flanqueada por uma selva de caatinga, cuja vestimenta de mimosa e jasmim tinha a côr e o perfume que caracteriza a fecundidade dos trópicos".

A Prelazia Apostólica — Com o lutuoso desaparecimento de Monsenhor Giordano, tornava-se necessário dar-lhe um substituto condigno.

A Prefeitura, constituída em 1914, era elevada à Prelazia pela Bula Pontifícia "Inter Nostri", de 1.º de maio de 1925, juntamente com a Prelazia de Pôrto Velho, confiadas ao tino administrativo e ao zêlo do então Monse-

nhor Pedro Massa, que foi o continuador dessa obra gigantesca. A escolha não podia recair em outro salesiano de tão assinaladas virtudes e méritos, do que neste soldado da milícia de São João Bosco, o qual ao descortino mental aliava uma grande fôrça de vontade, uma acuidade especial de mando.

Mais tarde Monsenhor Pedro Massa era dignificado com as honras de Bispo Titular de Hebron, e Prelado do rio Negro.

AGRICULTURA E INDÚSTRIA — Nos idos da Capitania de São José do Rio Negro cultivavam-se café, algodão, cacau, anil, fumo, mandioca, milho, arroz e feijão.

O cacau era extraído do sertão, dos pés de serra; a salsaparrilha e o cravo, bem como outras drogas, das matas; o anil crescia silvestre nas beiradas do rio Negro, como também dêle se faziam plantações.

"As terras de São Gabriel — dizia o Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira nada têm de próprias para a cultura da mandioca; a saúva a persegue, e por isso as roças são feitas longe da povoação, e a farinha que se exporta, é tirada das terras, que medeiam entre Camundé e Camanaus".

Nos rios Uaupés e Içana a lavoura se reduz ao cultivo da maniva, de que fabricam a farinha e derivados, beijus, carimã, polvilho, como plantam a mandioca mansa ou macacheira, jerimum, cará, mudubim, favas, feijão.

Na vazante dos rios semeiam-se nas várzeas melão, melância, e outras frutas.

A pesca e a caça constituem ocupação da população, que vive da pequena agricultura, servindo-se dos processos rotineiros havidos dos antepassados, e da extração dos produtos vegetais, balata, borracha, costanha, piaçaba etc.

Das fibras desta palmeira, que viceja em vastas associações em alguns rios, fabricam cordas e cabos, escovas e vassouras.

O Município de São Gabriel exporta castanha, borracha, piaçaba, balata e alguns outros gêneros.

Com o descobrimento da árvore da balata (**Mimusops**) Maçaranduba, em 1921, houve um aumento notável na produção exportável.

O rio Cauaburi, aonde foi encontrado o precioso vegetal, tornou-se centro animado de trabalhadores balateiros. Casas aviadoras de Manaus dispuseram-se a abrlr créditos aos seus aviados para a exploração da nova alvissareira indústria.

Como o descobridor da famosa árvore tivesse vindo da Venezuela, acreditavam que fosse natural daquele país. Soube-se, porém depois que era holandês, e se chamava Roinier Asjós, que levava vida de forasteiro com a sua intrepidez, a sua inteligência, os seus conhecimentos de Botânico, e o que é mais, com o seu audacioso espírito de aventureiro.

Internou-se Asjós pelos grandes sulcos potâmicos da bacia do Negro, e ei-lo a descobrir a essência nas florestas pujantes do Cauaburi, verificando depois a sua existência em outros rios.

Segundo uma exposição apresentada pelo Sr. Rodolfo Gonçalves ao Governador do Estado, em 1927, os índios bravios da região das zonas dos caudaís Cauaburi, Maiá, Inambus e Marauiá atiraram-se com tôda a ferocidade contra os trabalhadores e desbravadores dessas correntes, dando em resultado mortes e a fuga dos que puderam escapar, abandonando seus utensílios e ferramentas de trabalho, mercadorias etc., um verdadeiro êxodo.

A expulsão dos trabalhadores pelos selvagens trouxe, como era natural, graves prejuízos, que não foram recuperados.

Como houvesse uma baixa brusca nos preços da balata e da borracha, muitas casas comerciais tiveram que fechar suas portas, por incidirem em falência. O crédito retraiu-se, e os impostos pesadíssimos, trouxeram a decadência da cidade e dos povoados.

O mesmo senhor Rodolfo Lopes Gonçalves esclarece: "que o braço no alto rio Negro é indígena, braço um tanto fraco e preguiçoso. O índio só trabalha quando ve mercadoria no estabelecimento de seu fornecedor ou patrão, fazendo êste adiantamentos de 200$000, 300$00 e até 500$00 (moeda antiga). Desconfiado e ladino como só êle, de modo algum se submete ao trabalho sem um bom fornecimento de mercadorias como garantia".

O atraso da lavoura e da indústria nesta grande e ubertosa região do Amazonas explica-se em ser a sua população em geral indígena e mestiça, pobre, usando velhas técnicas de seus antepassados, e cultuando suas crenças e superstições.

Da arte indígena rudimentar destacam-se muitos objetos que não deixam de ter uma singular expressão de beleza. São os índios bons ceramistas. Conhecem-se os seus vasilhames de louça, pratos, alguidares e vários outros artigos, que pintam com desenhos muito finos e interessantes. Os pratos há-os de todos os tamanhos, desde os pequenos de que se servem para comer até os grandes fôrnos para torrar a farinha de mandioca. Ganharam expressão artística, e figuram em museus os banquinhos do Uaupés, atual São Gabriel, feitos de uma só peça de madeira, de tamanhos diferentes com arabescos coloridos impressivos e originais. O Instituto Geográfico e Histórico do Ama.zonas tem em exposição alguns dêsses artefatos vistosos, que chamam a atenção do visitante, além de armas, setas, cuidarus, rosários dos ameríndios daquêle setor geográfico.

O Içana, informa o General Boanerges Lopes de Sousa, é habitado por índios Baníuas, de origem aruaque, hábeis

ceramistas e fabricantes de ralos artísticos. Os Baníuas do Içana e do Cuiari são especialistas no preparo do uirari; os índios do Uaupés são pintores e ceramistas. Preparam máscaras e fantasias para as suas festividades e cerimônias com engenhosos traços e esmêro de tintas, imitando bichos. A máscara, imitando a anta (o tapir das nossas florestas) recebe um apuro digno de nota; o aracu exprime o feitio do pescado; a borboleta com as suas asas e ágil e quase vaporosa; o jacaré manifesta com vivos de realidade a cabeça disforme e hedionda do animal, e assim outros tipos da fauna. As máscaras e vestimentas são preparadas com cascas de tururi, a que dão tintas diferentes. Furam ao fogo as hastes de imbaúba, que lhes servem de bastão, nas danças, ao som dos maracás enfeitados de plumas, e das flautas de iapurutu. Os bailes ou festas são regados a caxiri e a caapi, sendo a primeira bebida feita dos detritos da mandioca, ou do milho e ainda dos frutos da popunheira. O caapi é mais forte e estonteante. "É um infuso — escreve o Coronel Themistocles de Sousa Brasil — da "**Banesteria caapi**", planta sarmentosa a que chamam caapi, que possui um alcaloide entorpecente, a banesterina, que produz embriaguez semelhante a do ópio e a do cactus Peiotl, tida pelos índios norte-americanos como planta sagrada". (**Íncolas Silvícolas**, pág. 57, Rio de Janeiro 1937).

Os amerabas dão grande extração a êstes licores, que são guardados em tinas, ou potes grandes.

Nos dabacuris, em honra de Jurupari, festa reservada só aos homers, o caxiri, o paiaru, e a caiçuma são fartamente distribuídos pelos convidados presentes. A orquestra é composta do toré, do membi, do tamborino, do caracaxá e do maracá sagrado.

O simbolismo dêste culto tem qualquer coisa de estranho, de impressionador e de pagão, indo até ao suplício com vergastadas a que se impõem os dançarinos sob os

Tratando dêsses costumes e danças, Glycon de Paiva diz que "chamam ainda barbária ao paganismo das festas indígenas; por menos artista que se tenha nascido não se pode deixar de sentir a grandiosa majestade de "Akangatara Bassá", dança guerreira acompanhada por um côro de dezenas de vozes, soluçando e gemendo a harmonia solene de um canto sagrado, revivendo tradições que recuam sem limite pela noite do passado. Talvez que "Jurupari Bassé", a "Dança do Diabo", fira sentimentos religiosos pelo extremado de suas penas; matam-se as mulheres que cometem o crime de espioná-la. Só os homens e os moços podem assistí-la". (**Vale do Rio Negro** — "Boletim" n.° 40, do Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil, pág. 6).

É tal o temor que as mulheres têm por êste culto que fogem das proximidades do lugar onde êle se exercita, escondem-se nos matos, para não incorrerem em pena de morte. Conta o Coronel Themistocles Paes de Sousa Brasil, ilustre chefe da Comissão Mista Brasileira Demarcadora de Limites do Setor oeste, que um padre da Missão Salesiana do Rio Negro lhe referiu que procurando, como fazem, destruir essa lenda perniciosa do Jurupari, em Taracuá, um sacerdote italiano levou por muito tempo nos sermões, na igreja frequentada pelos índios, a combater e a procurar disprestigiar o Jurupari, até que em um domingo, a igreja cheia de indígenas, depois de mais uma vez o achincalhar, para mostrar que êle não valia nada, levantou do púlpito um instrurnento e tocou.

Foi um raio que caiu no auditório.

As mulheres tapavam os ouvidos e baixavam-se para não ver nem ouvir o monstro, os homens tomados de indignação acometeram o padre, que conseguiu dificilmente ocultar-se e retirar-se da localidade por causa do risco de vida que corria. (**Íncolas Silvícolas**, pág. 58. Rio - 1937).

Os índios são bons nadadores e canoeiros. Gostam do esporte, dos exercícios musculares violentos. Narra o já

citado General Boanerges, que como membro da Comissão de Fronteiras, teve oportunidade de explorar e levantar os perfis dos rios Xié, Içana, Aiari, Cuiari, Uaupés, Papuri e Tiquié, e produziu um estudo magistral de tudo que se relaciona com o ambiente dêsses enormes cursos de água, — que o índio, em contacto permanente com a natureza, mais por instinto, por necessidade, do que para o deleite dos exercícios físicos, sabe êle que é preciso manter os músculos em constante atividade. Sua agilidade, sua destreza e sagacidade na luta contra os elementos de agressividade da natureza são postos à prova a todo momento e êles necessitam cultivar a saúde e aprimorar os sentimentos da visão, da acuidade, do olfato.

E é por isso que êles, desde cedo, dão liberdade aos corumins e os encaminham na luta pela vida, desenvolvendo-lhes o gôsto pela caça, pela pesca e a volúpia pela natação.

"Em lutica, no Uaupés, nos dias que ali estivemos a espera da confecção das máscaras e dos preparativos das festas que os Uananas nos ofereceram, constituia um prazer, uma novidade para nós. o assistirmos tôdas as manhãs exercício a que se entregavam os garotos de lutica, fazendo alagar as ubás na cachoeira confronte ao povoado, para irem apanhá-las, mais abaixo, a nado, vencendo os embates das corredeiras. E isso faziam por horas seguidas, como a coisa mais natural do mundo". (**Explorações Geográficas na Região do alto Rio Negro** — "Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia", Vol V, Rio - 1944).

Minerais — O Arcipreste Dr. José Moriteiro de Noronha, que foi vigário geral do Rio Negro, e escreveu um "**Roteiro de viagem de Belém as últimas colônias do Rio Negro**", relata que alguns índios da nação Tariana, habitantes no rio Capuri, foram vistos em outro tempo com folhetos de ouro nas orelhas, as quais compravam a troca de penas a índios de outras nações, que se ignoravam. Os índios da

nação Panenuá, que habitavarn na parte superior do Ucaiari, usavam das mesmas folhetas, e que êles compravam aos Tarianas.

Sabe-se da existência dêste metal nobre no rio Cauburi, ossim como da platina no rio Tiquié. No Negro encontram-se em abundância pedras de mós e grés, mica, cristal de rocha, ferro e em alguns de seus afluentes o itabirito e a ilmenita.

São pronunciados e manifestos os indícios de linhito, segundo da notícia o General Boanerges Lopes de Sousa. "Entre o Umari e o Castanho-Igarapé — diz êle, — sua atenção foi despertada pela presença de uma camada de um a dois metros de espessura, no barranco à margem esquerda, talhado a prumo, cujo aspecto era de rocha, o que seria estranhável, dada a formação geológica do vale neste trecho. Com o corte que fizemos no barranco a terçado (facão) retiramos uns blocos para amostras, verificando tratar-se de linhito. O lençol apresentava-se entre camadas de tabatinga, areia e argila. Mais acima verificamos a presença de idêntico lençol, à margem direita, de espessura análoga".

Em resumo: a exportação consiste em balata, borracha, castanha, piaçaba, cipó, pirarucu, tabaco, couros e peles de animais.Em 1941 o valor oficial de sua exportação foi de . . 1.842:936$379.

No mesmo ano a municipalidade rendia 123.054$400.

POPULAÇÃO — Segundo publicação oficial em 1942, a população absoluta era de 13.631 habitantes, sendo a população relativa 0,08.

O último recenseamento indica uma população de 14.829.

Disse o Sr. Adolfo Ducke, considerado botânico, que, apesar de difícil acesso, a cidade de São Gabriel é o único

lugar no rio Negro, onde o viajante encontra recursos, as outras vilas, tanto na parte brasileira, como venezuelana, caminham para a extinção, quando não estejam já feitas taperas.

VIAS DE COMUNICAÇÃO — O único meio de transporte que se tem para aquêle Município e a cidade é o fluvial; a navegação que lhe proporciona o rio Negro. Mas, de logo um embaraço imenso se depara ao viajante, — o das cachoeiras. De Tapuruquara em diante o rio é cheio de pedras, rochedos, calhaus, por onde passam frementes, escumando, os rápidos e corredeiras, tornando a marcha das pequenas embarcações penosa e difícil, precisando de cabos e espias às mais das vêzes, para vencê-las. Porém, onde o perigo ameaçador, o risco, o terror se apodera dos espíritos mais fracos, e no lanço das cachoeiras que aturdem pelos redemoinhos, pela braveza das águas rolantes em desalinho, pela fúria das correntes selvagens cavando abismos a cada momento, principalmente naquelas de maior ímpeto.

"A garganta de São Gabriel escreve o Sr. Glycon de Paiva é tôda ela, uma só corredeira balizada nas partes mais tumultuosas por nomes locais sem importância. É um ponto perigoso para a navegação. Não existe um grande desnível; mas a garganta em que o rio se intromete é atulhada de matações e os reflexos sucessivos da água contra êles produzern correntes desencontradas, prejudicando o govêrno das lanchas. Em particular, do choque da massa líquida contra as pedras à meia profundidade, resulta uma componente vertical quebrando-se circularmente à tona, denunciando o obstáculo. As correntes desta natureza, quando apenas perceptíveis, recebem dos práticos o nome de "água tremida". (Obra cit., pág. 9).

Dizia o Dr. Leovegildo Coelho que de tôdas as correntes e quedas d'água que no rio Negro chamam cochoeiras, só merecem êste nome as de Camanaus e Furnas, abaixo

dêste nome. Das que ficam acima daquela cidade as maiores são as de Caldeirão, de São Miguel e Carangueijo. A mais bela é a cachoeira das Furnas.

Aquêle engenheiro afirmava haver canal para um navio que demandasse 6 palmos de água em todo o rio Negro: sendo entre Tomar e Moreira, e de São Gabriel para cima sòmente em tempo de inverno. Dizia que a navegação a vapor podia-se estabelecer entre a cidade de Manaus e a de Uaupés, e de Uaupés a Cucuí em tempo de cheia.

"O obstáculo de S. Gabriel — disse o Coronel Adalardo Fialho quase no limite do, Brasil com a Venezuela, parece ser outra dádiva da natureza ao Brasil. É como se fosse posto ali para dificultar a comunicação da bacia do Orenoco com a do nosso Amazonas". Aludia o autor a um projeto dos americanos do norte em construir o canal "todo o ano" Rio Negro-Cassiquiari-Orenoco, para abertura do qual uma comissão de engenheiros fêz estudos pacientes do levantamento de tôda a região, calculando os gastos a fazer. (**Problemas do Brasil**, pág. 54, Biblioteca do Exército-Editôra).

Obras do mesmo Autor:

PANORAMAS AMAZÔNICOS. I Coari.

MANACAPURU — Separata do volume II da "Revista do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas".

PANORAMAS AMAZÔNICOS. II — Codajás.

A INTÊLECTUALIDADE NO EXTREMO NORTE. (Contribuições para a História da Literatura no Amazonas).

PANORAMAS AMAZÔNICOS. III — Tefé.

PANORAMAS AMAZÔNICOS. IV — Moura.

PANORAMAS AMAZÔNICOS. V — São Paulo de Olivença.

PANORAMAS AMAZÔNICOS. VI — Benjamin Constant.

MUNICÍPIO DE URUCURITUBA. VII — Separata da revista "Arquivos", publicação da Associação Comercial do Amazonas.

ITACOATIARA. — Estudo Social, Político, Gegráfico e Descritivo (Da série PANORAMAS AMAZÔNICOS). Publicada sob os auspícios da Associação Comercial do Amazonas. 1948.

ASPECTOS SÓCIO-GEOGRÁFICOS DO AMAZONAS.

O AMAZONAS, SUA HISTÓRIA. (Ensaio Antropogeográfico e Político).

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

As imagens, textos e obras disponibilizadas pelo Centro de Documentação e Memória da Amazônia estão na maioria em domínio público ou possuem termo de cessão para publicação da versão digitais produzida pela Secretaria de Cultura.

Se porventura, você identificar alguma obra que não esteja de acordo com a Lei de Direitos Autorais (lei 9.610/98), entre em contato conosco para que possamos identificar e proceder com regularização.

O objetivo da Biblioteca da Amazônia na disponibilização das versões digitais é a preservação da memória e difusão da cultura do Amazonas e região norte do Brasil, sem prejudicar os direitos patrimoniais do autor, herdeiros ou quem possuir o direito de uso.

O uso destes documentos digitais, digitalizados ou nascidos digitais são apenas para fins pessoais (privado), sendo vetada a sua venda, edição ou cópia não autorizada.

Lembramos, que esses materiais podem ser encontrados nos acervos do Sistema de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Cultura e Economia Criativa e seus parceiros.

ACERVOS DIGITAIS

https://beacons.ai/cdmam_sec

FALE CONOSCO

(92) 3090-6804
cdmam@cultura.am.gov.br
acervodigitalsec@gmail.com

Secretaria de Cultura e Economia Criativa

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA AMAZÔNIA - CDMAM

CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA